

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Tiago Vidal Medeiros

**“O CRIME DA CASA GAY”: O CASO LUÍSA FELPUDA E A PRODUÇÃO DE
SEXUALIDADES DESVIANTES PELA IMPRENSA (PORTO ALEGRE, 1980)**

Porto Alegre, 2018.

Tiago Vidal Medeiros

“O CRIME DA CASA GAY”: O CASO LUÍSA FELPUDA E A PRODUÇÃO DE
SEXUALIDADES DESVIANTES PELA IMPRENSA (PORTO ALEGRE, 1980)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de História do Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul como pré-requisito parcial para
obtenção do grau de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt

Porto Alegre, 2018

Medeiros, Tiago Vidal

"O CRIME DA CASA GAY": O CASO LUÍSA FELPUDA E A
PRODUÇÃO DE SEXUALIDADES DESVIANTES PELA IMPRENSA
(PORTO ALEGRE, 1980) / Tiago Vidal Medeiros. -- 2018.
68 f.

Orientador: Benito Bisso Schmidt.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em
História, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Sexualidades desviantes. 2. Porto Alegre. 3.
Discurso. 4. Imprensa. I. Schmidt, Benito Bisso,
orient. II. Título.

À memória de Luísa Felpuda e de todos as pessoas LGBTTs que tiveram suas vidas terminadas em razão da violência homolestransfóbica

Agradecimentos

Início agradecendo a Universidade pública e gratuita, espaço de reflexão e de conhecimento que, como muitos outros, tem sido alvo de ataques neste grave momento de retrocesso nos direitos conquistados historicamente. Sou grato também ao CNPq e a Fapergs, instituições importantes de fomento à pesquisa, que, ao longo da graduação, me beneficiaram com bolsas de iniciação científica.

Muitas são as pessoas que contribuíram para que eu pudesse concluir com sucesso minha trajetória nos cinco anos que frequento e estudo nesta universidade, entre professores, funcionários e colegas. Já peço desculpas àqueles que eventualmente me esqueci ao escrever estas linhas.

Agradeço à professora Natalia Pietra, primeiramente, pelo seu empenho em pesquisar e ofertar disciplinas com temáticas de gênero e sexualidade no curso de graduação em História, que foram muito importantes para a minha formação. Também sou grato por ter aceitado fazer parte da banca de avaliação deste trabalho. Igualmente agradeço ao Paulo Souto Maior por ter aceitado o convite para a banca, assim como, pelas diversas discussões que tivemos no decorrer do último ano no nosso “grupo”, junto com o Benito e a Mariana, além de sempre fazer sugestões de bibliografia e críticas muito pertinentes e inteligentes aos meus textos.

Teria sido muito difícil chegar neste momento sem a orientação tão precisa, didática e inteligente do meu querido orientador Benito Schmidt. Além de carinhoso amigo, o Benito é meu exemplo de professor e pesquisador com quem tive o prazer aprender imensamente nos últimos dois anos como seu orientando e bolsista de iniciação científica.

Agradeço também ao Célio Golin, militante essencial do movimento pela livre expressão sexual, o nuances, de Porto Alegre. Desde que comecei a me interessar pela história de pessoas LGBTQs desta cidade, o Célio me recebeu em sua casa, compartilhando de suas histórias, documentos e os exemplares do jornal do nuances. Sou muito grato também a toda a equipe que trabalhou na organização e montagem da exposição “Uma cidade pelas margens” que me possibilitou tomar contato com a história de Luísa Felpuda. Um especial agradecimento ao Fabiano Barnart que compartilhou comigo algumas tardes de pesquisa no Arquivo do Judiciário, e à Letícia

Bauer que sempre foi muito querida e disposta a me ajudar, respondendo minhas insistentes perguntas.

Seria impossível concluir esta graduação sem agradecer aos meus amigos. Às minhas mais antigas amigas, irmãs de muito tempo já, Victoria e Gabriele, que mesmo à distância foram muito importantes no processo de escrita deste trabalho, com o afeto e as suas palavras de apoio. Às amigas que fiz durante a graduação, especialmente, Amanda, Débora, Lívia e Laura que dividiram comigo momentos de risadas e descontração, bem como vários outros de reclamação coletiva. Uma turma de Ensino Médio com a Lívia, uma foto na banheira com a Debora, a Laura e a Lívia, e uma viagem ao Uruguai com Amanda, Debora e Laura formam alguns dos momentos mais importantes que dividimos nos últimos anos. Também a Carol, o Gabriel e a Camila são amigos queridos que compartilharam comigo esse processo final de curso.

Aos meus alunos, alunas e alunes do TransENEM agradeço por me ensinarem o que é lutar cotidianamente e aos colegas Renata e Caio por terem me convidado para participar deste coletivo. Um especial agradecimento ao Fábio por ter dividido comigo a sala de aula e por ter se tornado um amigo tão amado nos últimos anos.

Ao Guilherme, meu companheiro, que acompanhou o iniciar e agora o terminar deste trabalho, meu agradecimento pelo apoio diário e constante, pelas discussões teóricas, pelas séries e filmes assistidos para relaxar, pelas inúmeras risadas, mas principalmente por todo amor e carinho dedicados a mim ao longo dos três anos que já compartilhamos juntos.

Por fim, não teria como não agradecer aos meus pais, Gerson e Loiva, meus maiores apoiadores durante esta jornada. Além de todo o amor incondicional que tenho por eles, são meus maiores exemplos de ética e de diálogo, além de terem sido as primeiras pessoas a me ensinarem a lutar por um mundo mais justo. Sem vocês nada disso seria possível.

Resumo

Este trabalho busca analisar o modo que a imprensa divulgou o assassino de Luísa Felpuda, conhecido homossexual na cidade de Porto Alegre e dona de um hotel de encontro para homossexuais, ocorrido na capital gaúcha em 30 de abril de 1980. A morte de Luísa inaugurou uma recorrência discursiva que ocupou as páginas policiais da grande imprensa porto-alegrense pelo período de aproximadamente um mês até a suposta resolução do crime. Nesta trama, os espaços de sociabilidade homossexual e travesti da cidade, bem como as experiências destes sujeitos foram colocados em discurso. Mas três personagens tornaram-se objetos privilegiados do discurso jornalístico e foram constituídos como sujeitos sexualmente desviantes, sendo esses a própria Luísa Felpuda, sujeito homossexual; Joelma, sujeito travesti que trabalhava na casa de Luísa; e Jairo, michê que fazia programas no hotel e assassino de Luísa. Assim, este trabalho objetiva analisar o discurso de três jornais da grande imprensa porto-alegrense - *Correio do Povo*, *Folha da Tarde* e *Zero Hora* -, sobre as práticas e os sujeitos sexualmente desviantes envolvidos no crime ao longo de maio de 1980. Desta forma, a proposta é examinar de que modo os discursos desses periódicos atuaram na criação, construção e atribuição de sentido a esses sujeitos, suas práticas e seus locais de sociabilidade, produzindo efeitos de verdade, hierarquias sociais e formas de visibilidade.

Palavras-chave: Sexualidades desviantes; Porto Alegre; Discurso; Imprensa.

Abstract

This academic work aims to analyze how the press publicized the murder of Luísa Felpuda, known homosexual of the city of Porto Alegre and owner of a meeting homosexual hotel, which happened in the gaucho capital on April 30, 1980. The death of Luísa inaugurated a discursive recurrence which occupied the police pages of the main press of Porto Alegre for approximately a month until the alleged resolution of the crime. In this plot, the spaces of homosexual and *travesti* sociability, as well as the experience of these subjects were put in discourse. But three characters became a privileged object of the journalistic discourse and were constituted as sexually deviant, these being Luísa Felpuda herself, homosexual subject; Joelma *travesti* subject who worked at Luísa's house; and Jairo, male prostitute who worked at the hotel and Luísa's killer. Thus, this paper aims to analyze the discourse of three newspaper of the main press of Porto Alegre – *Correio do Povo*, *Folha da Tarde* and *Zero Hora* – about the practices and the subjects sexually deviant involved in the crime throughout May 1980. So, the proposal is to examine how the discourses of these newspapers acted in the creation, construction and attribution of meaning to these subjects, their practices and places of sociability, producing truth effects, social hierarchies and forms of visibility.

Keywords: Deviant sexualities; Porto Alegre; Discourse; Press.

Lista de Figuras

Figura 1 – Capas de FT e ZH publicadas em 01/05/1980.....	22
Figura 2 – Fotografia das travestis na Delegacia de Homicídios.....	26
Figura 3 – Foto de pichação na rua Vasco da Gama.....	28
Figura 4 – Mapa com pontos de sociabilidade de homossexuais e travestis em Porto Alegre.....	30
Figura 5 – Mosaico de fotos de Luísa Felpuda publicadas em FT e ZH.....	46
Figura 6 – Foto presumida de Joelma publicada em ZH.....	48
Figura 7 – Mosaico de fotos de Joelma publicadas em CP, FT e ZH.....	54
Figura 8 – Foto de Jairo publicada em CP.....	56

Sumário

Introdução.....	10
Capítulo 1 – A imprensa, a cidade e os desviantes sexuais.....	17
1.1 – A imprensa porto-alegrense e o crime.....	17
1.2 – A territorialidade dos desviantes sexuais.....	23
Capítulo 2 – O caso Luísa Felpuda e a constituição dos desviantes sexuais.....	32
2.1 – Luísa Felpuda e o sujeito homossexual.....	33
2.2 – Joelma e o sujeito travesti.....	47
2.3 – Jairo e o sujeito michê.....	55
Considerações finais.....	64
Referências.....	67

Introdução

Porto Alegre. Por volta das 23h30min do dia 30 de abril de 1980, o estudante André Luiz chegava à pensão em que morava na rua Barros Cassal, quando avistou uma casa próxima pegando fogo. Junto a mais duas pessoas desconhecidas suas que passavam pela rua naquele momento decidiram entrar na casa e tentar apagar o incêndio. Adentraram a residência pelos fundos, que era a parte menos atingida pelas chamas, e notaram uma pessoa deitada de bruços no sofá de um dos cômodos, muito ensanguentada, mas ainda viva. André Luiz, com o auxílio dos outros dois desconhecidos, conseguiu levar o indivíduo gravemente ferido até a calçada da rua, onde pegou um táxi com destino ao Hospital de Pronto Socorro, na tentativa de salvá-lo. A atitude heroica do estudante, no entanto, foi frustrada, pois logo após chegar ao hospital, a pessoa que tentava socorrer viria a falecer, devido a uma hemorragia cerebral, causada por uma pancada no crânio¹.

Na manhã do dia seguinte, André Luiz já poderia ler nos principais jornais da cidade que a pessoa que tentara salvar se chamava Luidoro e que haveria ainda uma outra no interior da casa, também morta, de nome Luís, irmão do primeiro. Poderia também ler que as evidências coletadas pela polícia indicavam um duplo homicídio cometido com requintes de crueldade e que o assassino teria ainda ateadado o fogo na residência, possivelmente, para apagar seus próprios rastros. A imprensa revelaria ainda que a casa em que o estudante heroicamente entrara na noite anterior não era uma casa “normal”, uma residência que abrigasse uma das muitas famílias de descendentes de judeus que residiam no bairro, ou uma pensão de estudantes, como a que André Luiz morava. Tratava-se de uma “casa gay” como poderia se ler na capa do jornal *Folha da Tarde*² daquele dia, e com isso o jornal explicava que aquele local era frequentemente utilizado por homossexuais para “encontros amorosos” e que as próprias vítimas seriam “irmãos homossexuais”.

Folheando os jornais, André Luiz poderia descobrir também que um desses irmãos, o Luís, seria comumente chamado pelos rapazes que frequentavam sua casa de “Luísa Felpuda”, sendo bastante conhecido e “benquisto”³ por eles. Nessa possível

¹ Socorrente conta como encontrou irmãos Luzardo. **Zero Hora**, Porto Alegre, 10 maio 1980, p. 25.

² Travesti pode ser o assassino dos dois irmãos da casa “Gay”. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 01 maio 1980, p. 1.

³ Travesti é suspeito número um. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 01 maio 1980, p. 42.

leitura, o estudante seria ainda confrontado com outras informações que poderiam lhe soar chocantes, pois diziam os jornais que a Luísa Felpuda teria sido castrada por seu assassino, que, aos olhos da polícia, poderia ser uma⁴ travesti. Se, neste dia 1º de maio, André Luiz talvez descobrisse que o incidente do qual participara na noite anterior reunia uma série de características que poderiam ser chamadas de transgressoras, nos dias que se seguiram, ele seria defrontado com muitas notícias que a cada dia revelariam novos detalhes mais “chocantes” sobre a história.

Veria, então, se intensificar as suspeitas e acusações sobre a tal travesti, identificada, no decorrer dos dias, como Joelma, que, para se defender, dizia ser apenas enfermeira de Luidoro, o mesmo que o estudante tentara socorrer, pois esse seria doente e necessitava de cuidados especial⁵. Assistiria ainda ao aparecimento de um rapaz, chamado Jairo, de apenas 19 anos, que confessaria a autoria dos assassinatos três dias após cometê-los. A justificativa deste para o cometimento do crime possivelmente chocasse também André Luiz e os leitores dos jornais de Porto Alegre, pois Jairo diria que matou Luísa Felpuda, porque esta se recusara a pagá-lo por um serviço prestado. Mas não se tratava de um serviço qualquer, Luísa teria se negado a pagar por um programa, pela prostituição de Jairo que, como diversos outros rapazes, ele já praticava há cerca de um ano naquela mesma casa, revelaria também a imprensa⁶. Jairo seria, então, aquilo que, na época e, especialmente, no meio homossexual, era conhecido por michê, uma espécie de “prostituto viril”, um jovem rapaz que transa com homossexuais, mediante alguma troca monetária⁷.

E, assim, conhecemos os três personagens principais desta História que procurei iniciar de modo talvez pouco comum para um trabalho acadêmico, a partir do ponto de vista de André Luiz, que, assim como eu, possivelmente, foi envolvido nesta trama mais por acaso do que por destino. Escolhi, desta forma, arbitrariamente alguns elementos para começá-la, por reconhecer que a História é também uma narrativa, uma intriga,

⁴ Nas fontes aqui pesquisadas, como veremos, o termo “travesti” aparece sempre associado ao gênero masculino. Nos últimos anos, porém, podemos observar uma forte reivindicação pela utilização de pronomes e adjetivos no feminino por parte, sobretudo, do movimento de travestis e transexuais, como modo afirmar e positivar o processo de construção de suas identidades e subjetividades femininas. Busco, assim, reconhecer e respeitar suas demandas políticas na elaboração deste texto historiográfico, ciente que, ao fazê-lo, incorro em anacronismo.

⁵ Polícia já identificou 6 suspeitos do crime. **Zero Hora**, Porto Alegre, 02 maio 1980, p. 28.

⁶ Ex-soldado é autor da chacina dos dois irmãos homossexuais. **Zero Hora**, Porto Alegre, 03 maio 1980, p. 30; “Eu matei Luísa Felpuda e o irmão...”. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 03-04 maio 1980, p. 66.

⁷ PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê**: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

“um tecido que vai ser retramado e refeito pelo historiador”⁸. Luísa Felpuda, Joelma e Jairo foram, então, por mim escolhidos como protagonistas não apenas por suas relações de proximidade com o crime, mas porque, ao longo do mês de maio de 1980, os jornais porto-alegrenses produziram uma série de discursos sobre eles, atribuindo-lhes posicionamentos de sujeitos que os fizeram desviar de uma matriz heterossexual⁹. Nesta trama em que aturam os periódicos *Correio do Povo*, *Folha da Tarde* e *Zero Hora*, Luísa Felpuda foi identificada como homossexual, Joelma, como travesti, e Jairo reconhecido como michê. Foram constituídos, portanto, como sujeitos sexualmente desviantes¹⁰.

O que quero aqui questionar é de que modo, ao divulgar o assassinato de Luísa, os jornais constituíram esses sujeitos e também os espaços em que viviam. Que enunciados e dispositivos são acionados nestes discursos para legitimar a produção de sujeitos homossexuais, travestis e michês? Deste modo, busco entender como o acontecimento Luísa Felpuda, concebido como um acontecimento midiático, se insere no contexto mais amplo da produção de enunciados sobre as sexualidades desviantes no Brasil, sendo, simultaneamente, seu meio e efeito.

Ao fazer estes questionamentos me embaso nas proposições teóricas do filósofo francês Michel Foucault, principalmente, as que se referem às noções de discurso e sujeito. Inicialmente, ressalto que, na perspectiva foucaultiana, o discurso não é tomado como uma representação de algo real que estaria à espera de ser revelado. Nessa configuração, o discurso supera a concepção de que é apenas um conjunto de símbolos, que faz simples referências às palavras e às coisas, pois como colocou Foucault:

⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. História: a arte de inventar o passado. In: **História: a arte de inventar o passado: Ensaio de teoria da História**. Bauru: Edusc, 2007, p. 63. Esta formulação inicial, bem como o problema de pesquisa deste trabalho são inspirados na dissertação de mestrado em História de Igor Henrique Lopes de Queiroz. Ao longo de minha produção, fui informado que Igor faleceu no final de 2014. Deixo aqui meu mais sincero pesar pela perda deste indivíduo que, mesmo não o tendo conhecido, admiro muito pela originalidade e consistência de seu trabalho como historiador que se propôs a pesquisar a história dos desviantes sexuais, inspirando, espero, muitas outras, como a que conto agora.

⁹ Entendo matriz heterossexual, a partir da formulação de Butler (2015, p. 258), como “a grade de inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados”. Ver: BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

¹⁰ Como Igor de Queiroz (2014, p. 34-35), concebo o desvio não como “um erro, um descaminho, mas em especial a mudança de direção, a sinuosidade, o recurvo em diferentes sentidos, o inclinado que altera, desloca, desestabiliza o preceito, a regra, o teor, a norma. Não uma qualidade inerente a um comportamento, aparência ou sujeito, mas produzido na e pela interação contextual, histórica, entre o desvio e a reação a ele, ambos mutáveis (...)”. Ver: QUEIROZ, Igor Henrique Lopes de. **As sexualidades desviantes nas páginas do jornal Diário Catarinense (1986-2006)**. Florianópolis: UFSC, 2014. Dissertação (Mestrado em História).

“(...) gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. Essas regras definem não a existência muda de uma realidade, não o uso canônico de um vocabulário, mas o regime dos objetos. (...) consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”¹¹.

Para além de signos, portanto, os discursos são práticas sociais que, a partir de repetições estilizadas, instituem determinada realidade, constituem os objetos e sujeitos de que fala. Em *A ordem do discurso*, o filósofo ressalta que as práticas discursivas se produzem sempre em função de relações de poder, de modo que seriam mais do que uma manifestação do desejo, mas objeto deste; o discurso torna-se aquilo pelo que se luta, muito mais do que algo que poderia traduzir as disputas sociais¹². Há, assim, um envolvimento mútuo entre as práticas discursivas, o poder e o saber. Os discursos, como práticas sociais, estão sempre mergulhados em relações de poder e saber que os pressupõem e instrumentalizam. E é somente a partir do momento em que entram no jogo do poder-saber que Luísa, Joelma e Jairo emergem enquanto sujeitos.

A partir do século XIX, determinadas redes de poder e saber produziram um aparato discursivo e não discursivo que constitui os sujeitos: a sexualidade. Na trilha de Foucault, tomo a sexualidade não como um dado natural, mas como um dispositivo criado historicamente que, através da incitação e proliferação dos discursos sobre o sexo, pôde nomear e controlar indivíduos, distribuídos agora entre “normais” e “anormais”¹³. O sexo, então, deixou de ser uma prática de desejo e passou a constituir uma verdade sobre os sujeitos, a estabelecer hierarquias sociais e a determinar um sujeito com uma identidade fixa. É a partir deste dispositivo que produz indivíduos como essência de uma natureza que os discursos sobre os personagens desta história se configuram. Dizia, então, o autor:

¹¹ FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986, p. 56.

¹² FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France. São Paulo: Edições Loyola, 2014a, p. 10.

¹³ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: A vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2015, p. 47.

“É pelo sexo efetivamente, ponto imaginário fixado pelo dispositivo da sexualidade, que todos devem passar para ter acesso à sua própria inteligibilidade (já que ele é, ao mesmo tempo, o elemento oculto e o princípio produtor de sentido), à totalidade de seu corpo (pois ele é uma parte real e ameaçada deste corpo do qual constitui simbolicamente o todo), à sua identidade (já que ele alia a força de uma pulsão à singularidade de uma história)”¹⁴.

Baseando-se no trabalho de Foucault, a filósofa Judith Butler leva suas problematizações mais além, ao propor uma leitura na qual o sexo se articula com outra categoria, a de gênero¹⁵. Butler, se opondo aos estudos feministas de então, argumentava que não há ligação intrínseca entre sexo – artefato natural e estável – e gênero – artefato cultural –, pois o sexo também deve ser visto como culturalmente construído, sendo a distinção sexo/gênero, na verdade, nula¹⁶. Para ela, o gênero é performativamente produzido e imposto por práticas normativas e discursivas. A performatividade é entendida na obra de Butler como “uma prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que nomeia”¹⁷, assim, os discursos normativos do “sexo” são repetidos incessantemente até se cristalizarem e se materializarem nos corpos, parecendo, deste modo, serem “naturais”. Essa construção performativa do gênero consolida e mantém uma matriz heterossexual: inventando a coerência das categorias sexo, gênero e sexualidade, a cultura heterossexual naturaliza corpos, os definindo e hierarquizando a partir da prática compulsória da heterossexualidade.

Através desta matriz, os sujeitos são constituídos pela citação de determinados comportamentos, tidos como normas, com as quais se relacionam e vão se constituindo. Mas ao fazê-lo, cria simultaneamente seres abjetos e marginalizados, que não seguem as normas, as subvertem, como os indivíduos sexualmente desviantes da

¹⁴ Idem., p. 169.

¹⁵ No campo da História, a historiadora Joan Scott propôs em 1986, em hoje artigo clássico, que o gênero seria uma categoria útil de análise histórica e que ele fosse entendido como “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas sobre o sexo”. Esta publicação foi importantíssima para a renovação dos estudos de gênero na historiografia ocidental, mas Scott recebeu uma série de críticas por basear sua proposta em termos ainda binários, e não oferecer muitas saídas para se trabalhar com a história de sujeitos que escapam à matriz binária de gênero. Ver: SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul.-dez. 1995.

¹⁶ BUTLER, Judith. Op. Cit., 2015, p. 27.

¹⁷ BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 154.

heterossexualidade. O abjeto é, conforme Butler¹⁸, o inóspito e o inabitável da sociedade, um espaço povoado por indivíduos que não têm o status de sujeito. A constituição dos sujeitos acontece, deste modo, numa relação de exclusão e rejeição, produzindo um “outro” do sujeito, que é, ao mesmo tempo, abjeto e necessário para legitimar a matriz heterossexual. A filósofa entende, como Foucault, que o sexo é um meio regulatório e normativo que produz os sujeitos como sexuados e generificados, mas esse processo não se dá através de uma imposição externa aos indivíduos ou um simples assujeitamento, pois se somos levados a assumir determinada identidade pela repetição das normas de sexo/gênero, podemos reinterpretá-las e organizá-las de um novo modo, subvertendo-as.

Neste sentido, busco perceber como o discurso jornalístico toma particular importância na produção dos sujeitos desviantes, constituindo um dos elementos da matriz heterossexual¹⁹. A imprensa, assim, e o discurso jornalístico são vistos como um espaço privilegiado para a construção de enunciados verdadeiros, pois fazem circular os saberes de outras instâncias – no caso aqui pesquisado, especialmente, dos saberes médicos e jurídicos – legitimando-se como um local para a constituição de regimes de verdade²⁰. A partir desses múltiplos campos de poder-saber, o discurso dos jornais aqui analisados nomeia e visibiliza sujeitos abjetos, que desviam das normas de sexo/gênero, chamando-os a ocuparem determinadas posições – homossexual, travesti, michê -, ao mesmo tempo que engendram posicionamentos assimétricos e hierárquicos entre os envolvidos no caso Luísa Felpuda.

A ausência de trabalhos, no campo da História, que tematizem os dissidentes sexuais na cidade de Porto Alegre²¹, me levou a revisitar trabalhos já clássicos sobre as homossexualidades e travestilidades no Brasil, mas também produções recentes. Assim, foi importante o trabalho precursor de Peter Fry sobre os modelos de relacionamento e

¹⁸ Idem., *ibid.*

¹⁹ VERAS, Elias; GUASCH, Oscar. A invenção do estigma travesti no Brasil (1970-1980). **história, histórias**. Brasília, vol. 1, n. 5, 2015.

²⁰ HOLANDA, Janete; PANIAGO, Maria de Lourdes. O discurso jornalístico como espaço de constituição da verdade. In: II CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA UFG, **Anais... - Jataí: História e Mídia**, 2001. Disponível em: <<http://www.congressohistoriajatai.org/anais2011/link%202022.pdf>>. Acesso em 19/11/2017 p. 6.

²¹ Destaco dois trabalhos em desenvolvimento que vem buscando superar essa ausência. O projeto do professor Dr. Benito Schmidt intitulado *O “pederasta passivo”, a “havaiana” e o “veado maconheiro”: três possibilidades de dizer e viver o sujeito homossexual (Porto Alegre, século XX)* que busca construir paralelamente as trajetórias de três sujeitos que foram associados a práticas homoeróticas ao longo do século XX na cidade de Porto Alegre. E o da mestrandia Augusta da Silveira de Oliveira por hora intitulado *O movimento de travestis e transexuais no Rio Grande do Sul* que analisa a trajetória do movimento no estado do Rio Grande do Sul entre 1989 e 2010.

discursos hierárquicos acerca da homossexualidade masculina na passagem da década de 1970 para a de 1980, no qual um modelo, de temporalidade mais longa, chamado pelo autor de “bicha/macho”, se contrapunha a um mais recente, o modelo “igualitário”²². Já o trabalho de Néstor Perlongher foi essencial para pensar o universo da “prostituição viril”, a partir da descrição e análise detalhada que o antropólogo fez das relações entre michês e seus clientes homossexuais nos anos 1980, na cidade de São Paulo²³.

Entre os trabalhos recentes, a dissertação de mestrado em História de Igor Henrique Lopes de Queiroz foi essencial para a formulação de meu problema de pesquisa. Queiroz analisou como o discurso do jornal *Diário Catarinense* construiu sexualidades desviantes entre 1986 e 2006, buscando demarcar os deslocamentos e as permanências na configuração deste²⁴. Se sua pesquisa se centra nas mudanças discursivas ao longo dos anos, quis aqui fazer a análise inversa, percebendo como um acontecimento se insere neste contexto mais amplo de enunciados que se reatualizam. Também foi essencial para pensar, sobretudo, a construção histórica das travestilidades, a tese de doutorado em História de Elias Veras. Nela, o autor analisa como o discurso da imprensa, na passagem dos anos 1970 para os 1980, inventou o sujeito travesti na cidade de Fortaleza, a partir de discursos de fascínio e estigma, associando as travestis à criminalidade, à prostituição e às doenças²⁵. No decorrer dos capítulos, as produções destes autores serão aprofundadas.

Propus a divisão desta monografia em dois capítulos. No primeiro, busco apresentar os periódicos que tomo como fontes e o modo como abordaram o crime discursivamente. Tento também mostrar como, ao divulgar o crime, os jornais fizeram emergir uma territorialidade homossexual e travesti, inventando estes espaços e a experiências desses sujeitos na cidade. Já no segundo capítulo, analiso, especificamente, como os jornais constituíram Luísa Felpuda, Joelma e Jairo como sujeitos sexualmente desviantes, a partir de diversos campos de poder-saber, inscrevendo-os numa ordem discursiva, da qual são instrumento e efeito.

²² FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

²³ PERLONGHER, Néstor. Op. Cit., 1987.

²⁴ QUEIROZ, Igor Henrique Lopes de. Op. Cit., 2014.

²⁵ VERAS, Elias Ferreira. **Carne, tinta e papel**: A emergência do sujeito travesti público-midiatizado em Fortaleza (CE) no tempo dos hormônios. Florianópolis: UFSC, 2015. Tese (Doutorado em História).

Capítulo 1 – A imprensa, a cidade e os desviantes sexuais

Neste capítulo, num primeiro momento, buscarei caracterizar os veículos de comunicação que tomaram o caso Luísa Felpuda como seu objeto discursivo ao longo de maio de 1980, seus elementos gráficos e editoriais, bem como, oferecer alguns apontamentos sobre sua abordagem do crime. Num segundo momento, busco apontar como a cobertura do caso faz emergir das notícias uma territorialidade própria dos desviantes sexuais, que se inscreve na cidade, inventando uma outra Porto Alegre.

1.1 – A imprensa porto-alegrense e o crime

Os jornais que tomo como fonte – *Correio do Povo*, *Folha da Tarde* e *Zero Hora* – pertenceram a dois grupos jornalísticos distintos e concorrentes do ponto de vista comercial, constituindo também projetos editoriais diferentes, com particularidades na abordagem do crime e dos desviantes sexuais.

Começamos pelo mais antigo. O *Correio do Povo* foi fundado em 1895 por Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, juntamente com Mario Totta e José Paulino Azurenha, mas seria ao primeiro e à sua família que a história do jornal se vincularia principalmente, dando origem, posteriormente, à Companhia Jornalística Caldas Júnior. *Correio do Povo* seria o primeiro jornal do estado a se organizar como empresa que tinha por finalidade o lucro. Essa postura possibilitou a emergência de um novo tipo de jornalismo no Rio Grande do Sul, marcado pela ênfase na informação, se distanciando da imprensa político-partidária e literária que predominava no estado até então. Com uma posição que se pretendia “neutra” e não manifestadamente comprometida com algum partido político, o *Correio do Povo* inaugurou novas formas de fazer jornalismo. A conjuntura era propícia, como aponta Francisco Rüdiger²⁶, para essa proposta, pois o estado havia recém saído da Revolução Federalista, conflito que dividiu fortemente a sociedade gaúcha.

Além da inovação na política editorial, o jornal engendrou uma moderna postura empresarial, fazendo importantes investimentos na infraestrutura e nos aparatos tecnológicos, como a montagem, em 1910, da primeira impressora rotativa do Estado. Com todas estas inovações, o *Correio* alcançou a hegemonia no mercado jornalístico

²⁶ RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1993, p. 58.

rapidamente, chegando à marca dos 20 mil exemplares tirados por dia. Em 1950, já chegava a 50 mil tiragens diárias, que continuaram a crescer progressivamente ao longo da década seguinte²⁷. No estado, o periódico se manteve na liderança como veículo de maior número de assinaturas e maior tiragem diária até a década de 1980, quando foi ultrapassado pela *Zero Hora*, seu principal concorrente.

Em 1936, a Caldas Júnior lançou um outro jornal, o vespertino *Folha da Tarde*, que teria um projeto editorial diferente daquele do *Correio do Povo*. Em formato tabloide, com uso de muitas fotografias e menos textos, *Folha da Tarde* surgia com a proposta de ser um jornal que atingisse também as classes populares, encontrando grande receptividade. O periódico manteve a mesma trajetória ascendente que o *Correio*, tendo grande tiragem, e passando a publicar também uma edição esportiva pela manhã. Tal novidade daria origem à *Folha da Manhã*, em 1969, outro jornal em formato tabloide da Caldas Júnior, o qual teria grande adesão junto ao público jovem, com uma postura manifestadamente crítica à ditadura civil-militar, posição que não era expansiva a todo o grupo, pois esse mantinha uma visão assumidamente conservadora, tendo inclusive apoiado o golpe de 1964²⁸. Em março de 1980, a *Folha da Manhã* seria fundida à *Folha da Tarde*, sob o nome desta última, que agora passava a circular pela manhã – apesar do nome –, num momento de grave crise financeira pelo qual a Caldas Júnior passava. Em 1984, ambos, *Correio* e *Folha*, deixaram de ser produzidos em razão desta mesma crise²⁹.

A *Zero Hora*, por sua vez, foi fundada em 1964 por quatro empresários a partir da compra do jornal *Última Hora*, que tinha um perfil popular, falido logo após o golpe de 1964. No ano seguinte, os irmãos Jayme e Maurício Sirotsky adquiriram metade das ações da empresa e, em 1970, tornaram-se os únicos sócios de ZH, ano em que fundaram a Rede Brasil Sul de Comunicação (RBS), que formaria um conglomerado na área da comunicação nas décadas seguintes. A compra seguiu-se de uma modernização empresarial e gráfica de *Zero Hora*, sobretudo, pelo investimento nas áreas comerciais e de distribuição e pela compra de novas impressoras rotativas, mais rápidas e

²⁷ RÜDIGER, Francisco. op. cit., 1993, p. 73.

²⁸ STRELOW, Aline. Breno Caldas: poder e declínio de um dos mais influentes jornalistas gaúchos. Artigo publicado na Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-imprensa-strelow.pdf. Acesso em: 19/11/2017.

²⁹ Em 1986, a Caldas Júnior foi comprada pelo empresário Renato Bastos Ribeiro e o *Correio do Povo* voltou a circular no mesmo ano. Em 2007, o grupo foi adquirido pela Rede Record, do bispo Edir Macedo. Cf. STRELOW, Aline. Op. Cit.

tecnologicamente superiores às de seus concorrentes³⁰. Os métodos de gestão adotados levaram a uma rápida expansão do veículo que conquistaria a posição de líder na venda avulsa no Rio Grande do Sul, em 1975, e de maior tiragem diária em 1982, ultrapassando o *Correio do Povo*. Importante também destacar, como afirma Gabriel Dienstmann³¹, que o seu sucesso mercadológico se relaciona ao fato de ter manifestado apoio e mantido boas relações com o regime ditatorial desde o surgimento do periódico.

Mas qual era a postura tomada por estes três periódicos em relação ao crime? Qual projeto editorial alimentava seus discursos sobre o crime ao longo da década de 1980 e, especialmente, no caso Luísa Felpuda? No *Correio do Povo*, chama a atenção uma cobertura jornalística mais simples e econômica se comparada aos outros dois periódicos em relação ao fenômeno criminoso. A seção policial ocupava geralmente uma página com matérias curtas e mais diretas. Uma abordagem que fazia jus ao seu projeto de jornal “mais sério” e mais antigo³². Algumas das matérias sobre o caso Felpuda tinham textos muito semelhantes aos da *Folha da Tarde*, porém, significativamente menores e se utilizando de poucas imagens. Sua permanência no conjunto de fontes deste trabalho se justifica por ser, no ano de 1980, o jornal de maior tiragem do estado, permitindo a comparação com os outros veículos. Em *Folha da Tarde* e *Zero Hora*, por sua vez, por mais que fossem veículos de grupos empresariais distintos, o crime ganha outra dimensão e suas abordagens se aproximam. Neles, a parte policial tem importante e grande espaço, com muitas imagens publicadas, diversas matérias ocupando duas páginas - por vezes, as páginas centrais -, reportagens e entrevistas realizadas especificamente sobre o caso em várias ocasiões. Especialmente em *Zero Hora*, o crime ainda é narrado e lembrado quase todos dias no decorrer de maio de 1980, mesmo que não houvesse nenhuma informação nova.

Como há uma ausência de trabalhos que tematizem o crime nestes jornais, especialmente no recorte dos anos 1980, busco me utilizar de empreendimentos de outros historiadores que estudaram o discurso sobre o crime em veículos e em temporalidades distintas para pensar meu objeto³³. Desde modo, o trabalho de Cláudio

³⁰ STRELOW, Aline; GRUSZYNSKI, Ana. Comício pelas Diretas Já em Porto Alegre: a cobertura do jornal *Zero Hora*. In: **Comunicação e redemocratização no Rio Grande do Sul**: uma abordagem histórica. Florianópolis: Editora Insular, 2014, p. 35.

³¹ DIENSTMANN, Gabriel. **A luta pela democracia em foco**: fotojornalismo e movimentos sociais no Rio Grande do Sul (1977-1979). Porto Alegre: UFRGS, 2017, Dissertação (Mestrado em História), p. 22.

³² ELMIR, Cláudio Pereira. Uma aventura com o *Última Hora*: o jornal e a pesquisa histórica. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 19, n. 36, p. 67-90, dez. 2012, p. 84.

³³ Numa pesquisa a partir de palavras-chave nos catálogos e repositórios digitais da UFRGS, PUCRS, UNISINOS, no portal de periódicos da CAPES e no Google Acadêmico não encontrei livros, artigos ou

Pereira Elmir, sobre o crime no jornal *Última Hora* entre 1960 e 1964, é fundamental para refletirmos sobre elementos do discurso jornalístico na abordagem do crime que ora se aproximam, ora se distanciam dos periódicos aqui analisados. Ao pesquisar a “crônica policial” de *Última Hora*, Elmir identificou dois elementos principais que compunham seu discurso jornalístico: a ficção e o maravilhoso³⁴. Gostaria de destacar algumas características deste segundo ponto que podem se aproximar da forma como o assassinato de Luísa é narrado nos jornais.

O maravilhoso não significa, no sentido proposto por Elmir, o bom ou o excelente, mas uma categoria de análise que pode indicar situações nas quais a “regra” deixa de ser o principal elemento do texto e o “excepcional” passa a guiar nosso olhar. Sendo assim, o crime “extraordinário” é tratado, no discurso jornalístico, como o objeto preferencial na narração dos acontecimentos, mesmo que, em muitos casos, aquilo que é eleito como prioritário não encontre uma incidência correspondente no cotidiano³⁵. Mas as sucessivas repetições do “extraordinário”, principalmente na página policial, implicam um processo de “naturalização” do crime, como estratégia discursiva de *Última Hora*: “a celebração do maravilhoso (...) é o elemento que possibilita inscrevê-lo no cotidiano, ao mesmo tempo em que – pelas repetições – garante ao jornal a credibilidade da notícia publicada”³⁶.

De modo semelhante, também poderíamos propor uma leitura de *Zero Hora*, que, diariamente, publicava longos textos sobre o caso Luísa Felpuda, mesmo que sem novidades ou com poucas informações originais, porém com muitos elementos “extraordinários”, como, por exemplo, o sumiço de uma agenda na qual Luísa guardava nomes e telefones de seus clientes e de um anel de brilhantes usado pela vítima, mas que, ainda assim, eram consideradas válidas para relembrar todo o processo investigativo em andamento, inscrevendo o crime no cotidiano da cidade. É interessante também perceber que a ZH guarda uma relação de proximidade com a *Última Hora*, pois a primeira substituiu a última na cidade de Porto Alegre, a partir de abril de 1964. Como o próprio Elmir aponta, a mudança administrativa da *Última Hora* para a ZH não

textos que tematizassem o crime em *Correio do Povo*, *Folha da Tarde* e *Zero Hora* para a época analisada aqui.

³⁴ ELMIR, Cláudio Pereira. A ficção e o maravilhoso no discurso jornalístico, **Estudos Ibero-Americanos** (PUCRS. Impreso), v. 35, p. 127-147, 2009.

³⁵ Ao comparar as notícias publicadas em *Última Hora* com as estatísticas policiais da época, Elmir descobriu que aquilo que era noticiado em maior escala e como “comum” não encontrava correspondência com o que era mais recorrente nas estatísticas oficiais. Para mais ver: ELMIR, Cláudio. op. cit., 2009, p. 136.

³⁶ Idem, p. 137.

implicou uma grande mudança editorial na abordagem dos eventos criminosos, pelo menos até 1970³⁷.

Se *Zero Hora* exagera nas repetições, também em *Folha da Tarde* é possível perceber estratégia discursiva semelhante, ao abordar de modo continuado o crime. Não parece ter sido interessante aos periódicos fazer apenas uma grande matéria sobre o assassinato de Luísa, foi necessário, ao contrário, mobilizar a opinião pública repetidamente. Por isso, a estratégia de primeiramente “revelar” à sociedade o crime maravilhoso – situação da qual são bastante ilustrativas as capas desses dois jornais no dia 1º de maio de 1980 – e, depois, fornecer subsídios que permitissem compreender esse evento racionalmente, explorando-o quase diariamente³⁸. Tal método jornalístico é lembrado por Walter Galvani, que fora jornalista e diretor da *Folha da Tarde*, em seu livro de memórias, como sendo recorrente na redação do jornal, que

“(…) sempre deixava a sensação de fome, vontade de ler outras matérias que chegariam em forma de ‘suíte’ nas edições seguintes. A *Folha da Tarde* não esgotava um assunto na primeira abordagem. Historicamente tinha sido assim e dessa forma prosseguiu até sua última edição no dia 16 de junho de 1984”.³⁹

Há ainda outro elemento que compõe um crime maravilhoso, conforme Cláudio Elmir, e que permite o uso dessa caracterização para o caso Luísa Felpuda. Segundo o historiador, na sua configuração discursiva, um crime maravilhoso implica uma dupla transgressão ou uma transgressão dentro de outra. Assim, além do crime em si ser, por definição, a negação de uma ordem estabelecida, de uma regra, ele pode conter uma série de outras características agravantes⁴⁰. O sentimento de espanto é duplicado pelo inesperado das circunstâncias que os periódicos descrevem. Um “crime contra os costumes”, por exemplo, crimes que envolvem rapto, sedução, estupro, prostituição e homossexualidade são os que apresentam mais “características” para explorar discursivamente o crime maravilhoso. Neste sentido, o caso Felpuda ganha atenção especial, sobretudo, de *Folha da Tarde* e *Zero Hora*, por reunir os elementos que o aproximam do maravilhoso, sendo as primeiras notícias que viraram manchetes de capa com títulos “quentes” bastante ilustrativas disso:

³⁷ Idem, p. 132.

³⁸ Idem, p. 142

³⁹ GALVANI, Walter. **Olha a Folha**: amor, tradição e morte de um jornal. Porto Alegre: Editora Sulina, 1996, p. 22-23.

⁴⁰ ELMIR, Cláudio. op. cit., 2009, p. 143.

Figura 1 – Capas de *Folha da Tarde* e *Zero Hora*, respectivamente, publicadas em 1º de maio de 1980.



Fonte: Museu da Comunicação Hipólito José da Costa

Assim, já no primeiro dia em que o crime é conhecido pelo leitor dos jornais, vemos emergir algumas das características do crime maravilhoso em ZH e FT, principalmente nessa última, ao publicar uma primeira grande matéria de impacto, cujos elementos seriam melhor trabalhados nas edições seguintes do periódico. Primeiramente, a grande manchete, que ocupa a maior parte da capa de *Folha da Tarde* e um espaço bem menor na capa de *Zero Hora*, trazem os elementos da dupla transgressão: uma travesti poderia ter cometido o assassinato de dois irmãos, supostamente, ambos homossexuais, sendo que um deles ainda teria sido castrado. Aqui a dupla transgressão do crime multiplicava-se por quatro. Um homicídio cometido com requintes de crueldade que se encontrava com três indivíduos igualmente transgressores, desviantes sexuais, “invertidos”, “anormais” e um, ainda, “paralítico”. No texto das matérias, contudo, essas informações são mencionadas apenas em algumas linhas, nenhuma delas é realmente explorada por se tratarem de suspeitas. Mas, dois dias depois, a tese da castração já seria descartada, e Luidoro, o irmão de Luísa, deixaria de ser descrito como homossexual. Restavam apenas as suspeitas sobre a travesti Joelma, ainda não identificada naquele dia, mas que seriam desenroladas ainda em

muitos outros discursos⁴¹. Mesmo que as diversas suspeitas sobre o crime, que valeram uma capa, fossem desmentidas nos dias posteriores, a semente do crime maravilhoso já havia sido plantada e a opinião pública, possivelmente, mobilizada e instigada.

Busquei aqui, então, analisar como estes periódicos abordaram o crime, construindo sentidos para ele. Vimos, então, que no *Correio do Povo*, a cobertura foi mais simples, se contrapondo ao grande espaço e importância ocupada pela seção policial em *Folha da Tarde* e *Zero Hora*. Nestes últimos, analisando as matérias publicadas, pude perceber uma série de elementos, como a publicação de diversas imagens de espaços e indivíduos supostamente envolvidos na trama e a produção quase diária de matérias e reportagens sobre o caso Luísa Felpuda; muitas vezes sem alguma informação original. A partir da identificação dessas características busquei aproximar a produção discursiva de FT e ZH da noção de crime maravilhoso. Não pretendo, entretanto, fazer uma generalização e propor que o discurso jornalístico desses jornais fosse apenas alimentado pela noção de crime maravilhoso. Mas identifico elementos similares que podem ser extrapolados da pesquisa de Cláudio Elmir para pensar a abordagem que esses periódicos fizeram do caso Luísa Felpuda.

1.2 – A territorialidade dos desviantes sexuais

A necessidade dos periódicos em explorar os detalhes do crime nos dias seguintes, de compreender suas características transgressoras, levaria à produção de discursos sobre outros indivíduos homossexuais e travestis, fazendo emergir uma territorialidade própria, inscrevendo-a na cidade, engendrando formas de relação específicas com tal espaço e entre os próprios desviantes sexuais. Os jornais, ao tratar de “espaços, de identidades coletivas, (...) designa ‘objetos’, os constitui, conferindo-lhes sentido. A atribuição do nome distingue e re-agrupa, ordena e qualifica”⁴². Assim, somos confrontados com os territórios e sujeitos que retraçam e recortam o mapa da cidade, inventam uma outra Porto Alegre da qual Luísa Felpuda e os desviantes sexuais fazem parte. Para oferecer uma análise um pouco mais apurada desse tema, cotejo o discurso dos jornais com depoimentos de travestis que viveram ao longo das décadas finais do

⁴¹ Tratarei especificamente do discurso da imprensa sobre a travesti Joelma no segundo capítulo deste trabalho.

⁴² DEPAULE, Jean-Charles; TOPALOV, Christian. A cidade através de suas palavras. In: BRESCIANI, Stella (org.). **Palavras da cidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2001, p. 20.

século XX na cidade de Porto Alegre⁴³. O objetivo desse investimento é mostrar como há uma pluralidade de espaços que extrapolavam os muros da Casa de Luísa Felpuda pelos quais os personagens principais dessa história circulavam – além dos demais desviantes sexuais –, engendrando formas de relações específicas entre eles e com a cidade ordenada, e que também eram constituídos pelo discurso jornalístico.

Segundo o historiador James Green, os anos 1950 e 1960 foram marcados pelo desenvolvimento e a criação de espaços de sociabilidade homoerótica no Brasil, especialmente nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo⁴⁴, como bares e boates. Nesse mesmo momento, o carnaval recebia especial atenção como um espaço e um tempo em que se permitia subverter certas normas sociais e padrões de gênero, sendo utilizado por homens homossexuais e travestis para a experimentação e a visibilidade de suas práticas. Na cidade de Porto Alegre, por sua vez, a Cabana do Turquinho foi o espaço privilegiado para a ocorrência dos “bailes de travesti” no período do carnaval, onde grandes espetáculos eram levados a cabo pelas travestis e suas grandiosas fantasias. A Cabana tinha uma localização itinerante, tendo ocupado diversos espaços pela cidade, entre os anos 1950 e 1970, quando teria encerrado suas atividades, mas é lembrada como um importante local para a sociabilidade de travestis e homossexuais durante os dias de folia⁴⁵.

Seria, sobretudo, a partir de meados dos anos 1970, que surgiram novos espaços de sociabilidade para os desviantes sexuais que redesenharam e replanejaram os grandes centros urbanos no Brasil⁴⁶. Lugares como cinemas, bares, hotéis, motéis, saunas e boates emergem como espaços propícios para a vivência homoerótica, mas também as ruas, as praças, as praias e os banheiros públicos seriam construídos como locais para a

⁴³ Estes depoimentos estão reunidos no livro organizado por Alexandre Böer a pedido da Igualdade – Associação de Travestis e Transexuais do Rio Grande do Sul que tinha por objetivo contar a história da prostituição de travestis e transexuais de Porto Alegre a partir das memórias das mesmas. Ver: BÖER, Alexandre (org.). **Construindo a Igualdade**: A história da prostituição de travestis em Porto Alegre. Porto Alegre, 2003.

⁴⁴ GREEN, James. **Além do carnaval**: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

⁴⁵ Em outra oportunidade, abordei brevemente a cobertura que jornais de Porto Alegre fizeram dos “bailes de travesti” ao longo dos anos 1960, notando a forte influência que a Cabana do Turquinho teria nesses. A historiadora Iris Graciela Germano também escreveu um curto texto sobre o funcionamento da Cabana nos anos 1950. Para mais ver: GERMANO, Iris Graciela. A Cabana do Turquinho. **Jornal do Nuances**, Porto Alegre, ano 5, n. 31, dez. 2004, p. 12. MEDEIROS, Tiago Vidal. “Muito travesti, pouca mulher”: espaços de sociabilidade homossexual e travesti nos carnavais de Porto Alegre (1960-1970). Apresentação oral no XXVIII Salão de Iniciação Científica da UFRGS, 2016.

⁴⁶ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz; CEBALLOS, Rodrigo. Trilhas urbanas, armadilhas humanas: a construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no Nordeste brasileiro dos anos 1970 e 1980. In: SCHPUN, Mônica (org.). **Masculinidades**. SP/Santa Cruz: Boitempo/Edunisc, 2004.

sociabilidade a partir de uma série de estratégias e táticas engendradas pelos próprios sujeitos homossexuais e travestis. Em Porto Alegre, a Casa de Luísa Felpuda emergiu como um desses espaços sociabilidade, principalmente, de homossexuais masculinos. Desde as primeiras notícias sobre o crime, em 1º de maio de 1980, a casa de Luísa é narrada como uma “casa gay”⁴⁷, localizada na rua Barros Cassal, quase esquina com a Vasco da Gama, no tradicional bairro Bom Fim. Mas nos dias seguintes seria descrita como um “templo para a iniciação”⁴⁸ na qual muitos rapazes teriam suas primeiras experiências homossexuais.

No dia 2 de maio, a *Zero Hora* afirmaria que “a pensão mantida por Luiza Felpuda era uma das três casas do gênero existentes em Porto Alegre, rendendo Cr\$ 100,00 por **instante** (encontro rápido)”⁴⁹. Embora não mencione quais seriam as outras duas casas, o jornal indica a existência desta outra territorialidade que se inscreveria na cidade. É possível que uma dessas casas mencionadas por ZH fosse a da travesti Rubina, localizada na avenida Oswaldo Aranha, também no bairro Bom Fim, e que servia como espaço para a prostituição, principalmente de travestis, sendo distinta da casa de Luísa que era frequentada principalmente por homens homossexuais e michês. Tais diferenças são lembradas pela travesti Claudia Goulart em depoimento a Alexandre Böer:

“E os programas eram feitos em casas de pessoas que alugavam quartos para os encontros – Tinha a Rubina e tinha uma casa, a da Luisa Felpuda, que é onde se viravam os boys, garotos de programa – A Luisa Felpuda era uma bicha que tinha casa de prostituição para rapazes, mas a gente, como tinha amizade com ela, a gente levava programa na casa, ela morava na Barros Cassal. (...) A casa da Rubina era frequentada por um monte de bicha vestida de mulher”⁵⁰.

Esta territorialidade da prostituição travesti na cidade mencionada por Cláudia emergiria também da reportagem de ZH do dia 2 de maio. As suspeitas que recaíram sobre Joelma desde o dia 1º desencadearam uma operação da polícia nos principais pontos de prostituição travesti da cidade que buscava informações sobre o paradeiro de Joelma. Assim, o jornal relatava que: “Durante a madrugada, dezenas de travestis que fazem ponto nas imediações – avenida Independência, Farrapos e outras – foram

⁴⁷ Travesti é suspeito número um. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 01 maio 1980, p. 42.

⁴⁸ Suspeito identificado. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 02 maio 1980, p. 40.

⁴⁹ Polícia já identificou 6 suspeitos do crime. **Zero Hora**, Porto Alegre, 02 maio 1980, p. 28 (grifos no original).

⁵⁰ BÖER, Alexandre. Op. Cit., 2003, p. 43.

interrogados na especializada, numa Blitz esquematizada para colher maiores informações sobre o suspeito conhecido”⁵¹. Em seguida publicaram uma foto das travestis detidas na delegacia, na qual provavelmente aguardavam sua vez de depor, seguida da legenda: “Homossexuais e travestis foram ouvidos na DH”. Embora mencione a presença de homossexuais, a foto mostra apenas indivíduos performando o feminino, identificadas em suas roupas e bolsas. Duas delas olham fixamente para a câmera, enquanto as outras parecem buscar se esconder e fugir da possível associação com a criminalidade.

Figura 2 – Fotografia das travestis na Delegacia de Homicídios publicada por ZH em 2 de maio de 1980.



Fonte: Museu da Comunicação Hipólito José da Costa

A notícia de *Zero Hora*, assim, inscrevia no espaço público dois dos principais pontos da prostituição de travestis na capital e que eram próximos à casa de Luísa: a avenida Independência e a avenida Farrapos. Nas memórias de travestis como Cláudia Goulart e Marcelly Malta⁵², a Independência é, de fato, narrada como um dos principais e mais antigos locais de prostituição de Porto Alegre, utilizado pelas travestis ao longo

⁵¹ Polícia já identificou 6 suspeitos do crime. **Zero Hora**, Porto Alegre, 02 maio 1980, p. 28.

⁵² BÖER, Alexandre. op. cit. p. 39-54; 65-72.

dos anos 1960 e 1970 como local de “batalha”⁵³. A avenida Farrapos também seria um desses locais, mas que foi sendo apropriado ao longo dos anos 1970 e 1980, na medida em que as travestis passaram a deixar a região da Independência. Há também um outro lugar, frequentemente lembrado pelas travestis, e que não foi nominado por ZH, mas que também se localizava próximo à casa de Luísa: a “Caixa d’Água”, na avenida 24 de Outubro. A “Caixa d’Água”, como era referida pelas travestis, era o prédio da antiga estação Hidráulica Moinhos de Vento, que possuía um grande jardim aberto no qual elas exerciam a “batalha” e que foi, segundo Marcelly Malta, o principal ponto de prostituição da cidade por vários anos⁵⁴.

No mesmo dia, o jornal também evocaria a avenida Independência como um importante espaço de sociabilidade dos desviantes sexuais, ao informar e publicar a foto de uma pichação na rua Vasco da Gama, que, neste caso, literalmente inscrevia os homossexuais na cidade. Dizia ZH:

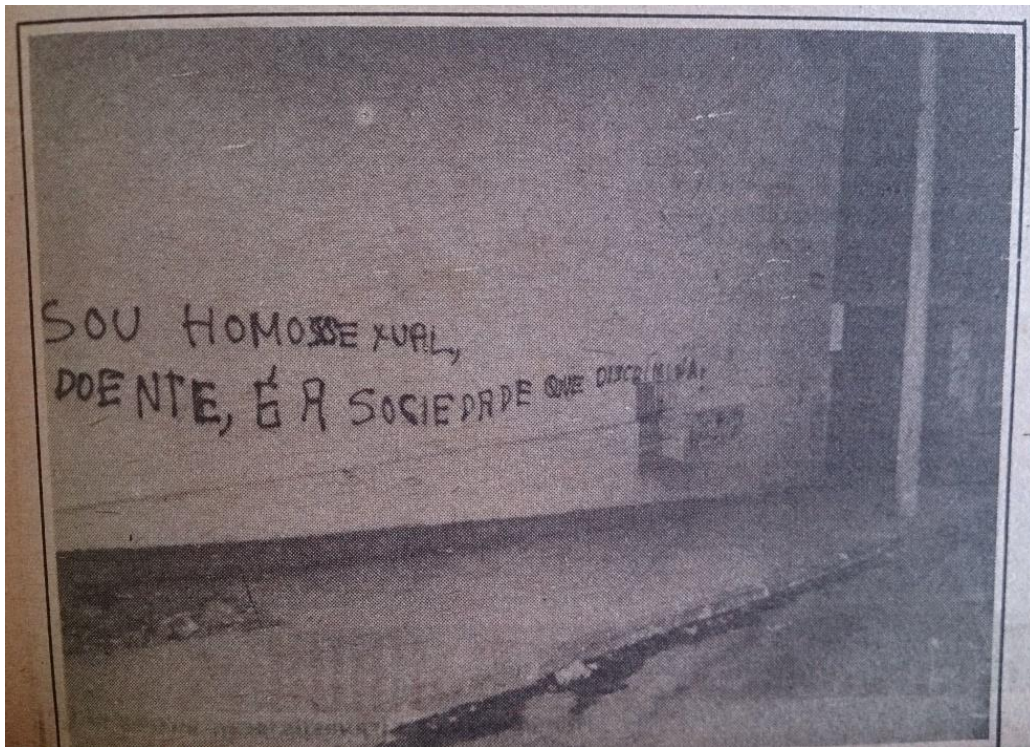
“Em uma parede da rua Vasco da Gama e a poucos metros distante da casa 525, onde morreram Luiz e Luidoro se lê uma inscrição, possivelmente feita pelos frequentadores da residência de **Luiza Felpuda**: ‘Sou homossexual, doente é a sociedade que discrimina’. Escrita com tinta **spray** preta, a frase mostra a situação real dos homossexuais naquela zona, que pela pouca distância da avenida Independência a escolhem para moradia. Perto do melhor **ponto** para apanhar **fregueses**, as transversais daquela avenida a muito tempo sendo locais preferidos pelos travestis, lésbicas e homossexuais se domiciliarem, na maior parte das vezes se mantendo discretamente para não chocar as famílias e assim criar locais estratégicos sem serem incomodados”⁵⁵ (grifos no original).

⁵³ “Batalha” é o termo utilizado pelas travestis para se referir à prática de prostituição. Também pode ser usada por homossexuais para se referir à busca por parceiros sexuais em espaços públicos.

⁵⁴ BÖER, Alexandre. op. cit. p. 68.

⁵⁵ Polícia já identificou 6 suspeitos do crime. **Zero Hora**, Porto Alegre, 02 maio 1980, p. 29.

Figura 3 – Foto de pichação na rua Vasco da Gama publicada por ZH.



Fonte: Museu da Comunicação Hipólito José da Costa

O jornal, assim, visibilizava estas práticas clandestinas que se exprimiam na pichação e buscavam positivar a homossexualidade, em oposição ao discurso médico, entre outros, que a tinha como patológica, anormal, doente. A frase, segundo ZH, expressava a “real situação” dos homossexuais que viviam naquela região, passíveis de discriminação por parte da sociedade heterossexual do bairro, mas que a escolhiam para moradia por ser próxima de um dos principais pontos de prostituição da cidade. Mas, se o local havia se tornado um espaço próprio para a sociabilidade destes sujeitos, assim seria em razão da ação dos mesmos que, numa série de pequenos gestos e intervenções, como manter-se discreto “para não chocar as famílias”, criavam aquela região como própria para suas vivências. Ou seja, utilizando-se de uma série de táticas, no sentido proposto por Michel de Certeau⁵⁶, os desviantes sexuais transformavam um lugar ordenado e moralizado pelas famílias que ali viviam num espaço construído por suas trajetórias individuais, num processo de apropriação estratégica do espaço público.

⁵⁶ Certeau define *tática* da seguinte forma: “a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como organiza a lei de uma força estranha”. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998, vol. 1, p. 100.

No mesmo dia 2 de maio, a *Folha da Tarde* publicava uma reportagem sobre as repercussões do assassinato de Luísa naquilo que chamou de “meio gay” da cidade, indicando outros espaços de sociabilidade, as boates, na qual teria entrevistado diversas travestis:

“Entre os comentários que circulavam no meio ‘gay’ – em clubes como o Number One, o Ego Sun e o For Friends – para explicar a morte de ‘Luisa Felpuda’, um deles mereceu a unanimidade de opiniões: a de que o assassino não é travesti. Antes mesmo de ser uma autodefesa do grupo, há que se considerar o tipo de convivência que caracteriza esse relacionamento diferente. São conhecidos os casos de briga entre homossexuais e ‘clientes’ e as diferenças quanto a dinheiro entre travesti e o homossexual comum, por exemplo. O travesti, à semelhança da prostituta, recebe dinheiro para manter o relacionamento sexual com um homem (muitos até se enganam e saem com os travestis acreditando que são mulheres e, quando percebem, são obrigados a lhes entregar dinheiro ou cheques) (...). O homossexual, ao contrário, paga para dormir com outro homem. Era o caso de Luís, observam os ‘gays’, salientando que ele gostava de garotões, ‘destes do tipo Rua da Praia, boizinhos’”⁵⁷.

As boates aparecem aqui, então, como este outro local de vivência homoerótica que seria revelado pelas notícias. Sua localização, entretanto, não é fornecida pelo jornal. Sabe-se apenas que a boate Number One era localizada no centro da cidade, na rua da Conceição⁵⁸. Mas o interessante deste trecho é perceber como a notícia evoca e dá visibilidade às formas de relações engendradas entre travestis e homossexuais que, muitas vezes, acabavam sendo interpretadas como iguais. Os homossexuais, assim, surgem como homens que transam com outros homens, mesmo que muitas vezes tenham que pagar. Já as travestis aparecem, como num preâmbulo da abordagem que os jornais destinariam a Joelma nos dias seguintes, associadas a um corpo ambíguo, à prostituição e à criminalidade. Nesse sentido, concluía os desviantes sexuais entrevistados por *Folha da Tarde*, não poderia ter sido um travesti a assassinar Luísa, após manter com ela relações sexuais, pois, como homossexual, Luísa transava com

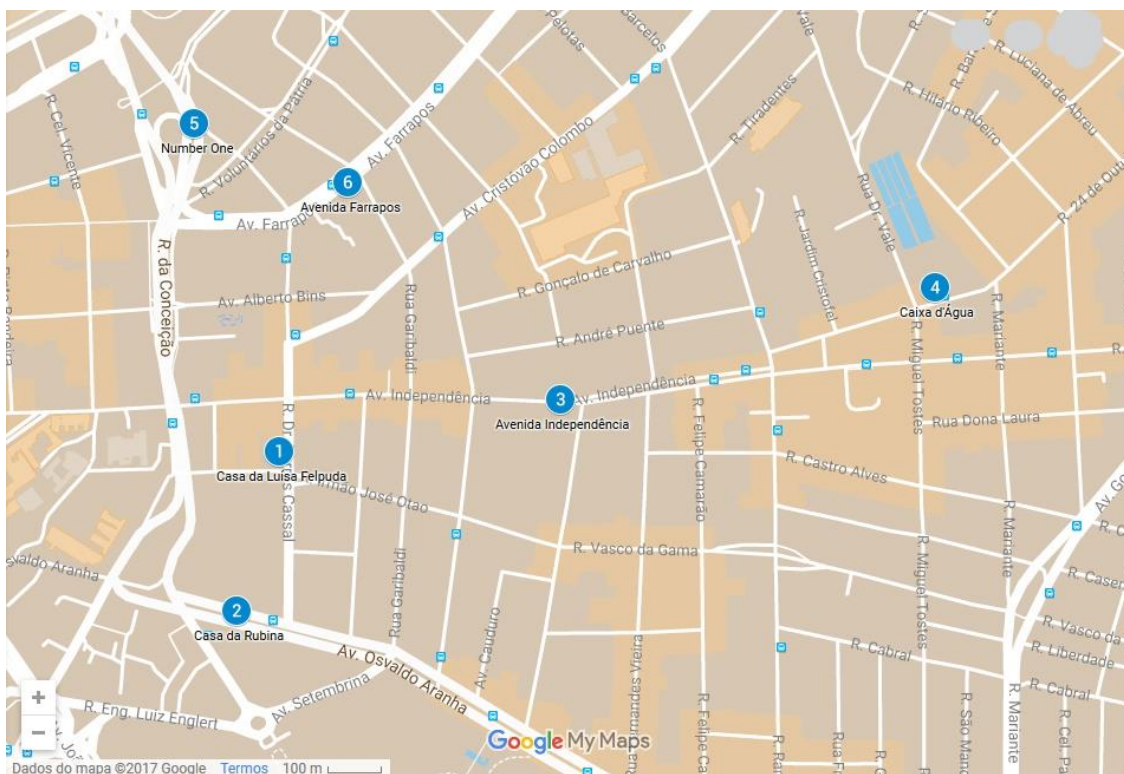
⁵⁷ Suspeito identificado. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 02 maio 1980, p. 42.

⁵⁸ No final do ano de 2016, o Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo em parceria com os movimentos sociais e a UFRGS montou uma exposição sobre a história e a memória da população LGBT da cidade, intitulada “Uma cidade pelas margens”. Um dos produtos da exposição foi a montagem de uma cartografia com os principais pontos de sociabilidade LGBTs baseada na memória de seus frequentadores. Entre esses pontos estava a boate Number One localizada na rua da Conceição. Sobre as boates Ego Sun e For Friends, entretanto, não consegui encontrar nenhuma informação.

homens e de um tipo específico, o “bozinho”. Mas seriam nos próximos dias que as relações mantidas entre esses personagens, homossexuais, travestis e michês, seriam melhor elaboradas pelo discurso jornalístico.

Busquei, neste subcapítulo, mostrar como, ao relatar o crime, os jornais construíram também discursos sobre os desviantes sexuais da cidade, especialmente sobre travestis e homossexuais, fazendo emergir uma territorialidade própria desses sujeitos, inscrevendo-os na cidade. Não pretendi, é claro, esgotar e mencionar todos estes espaços, que eram muitos, me detive àqueles que foram citados pelos jornais direta ou indiretamente. Nessa descrição pude perceber que os territórios dos desviantes sexuais eram construídos por eles através de suas ações estratégicas e táticas no cotidiano e que, muitas vezes, coexistiam em espaços de tradicional ordenamento social e moralidade. Nessas diversas formas de habitar e ocupar os espaços dos desviantes sexuais pude perceber que “a cidade é construída de territórios cujos limites são mais ou menos claros, mais ou menos permeáveis ou estanques, estáveis ou plásticos, onde as identidades religiosas, culturais e sociais [e sexuais, acrescento eu] expressam-se, revelam-se, mostram-se, traem-se ou se dissimulam, e interagem”⁵⁹.

Figura 4 – Mapa de Porto Alegre criado com auxílio da ferramenta *Google Maps* mostra os pontos de sociabilidade de homossexuais e travestis mencionados pela imprensa.



⁵⁹ DEPAULE, Jean-Charles; TOPALOV, Christian. Op. Cit., 2001, p. 19.

O investimento em descrever os espaços e os fluxos dos corpos de travestis e homossexuais pela cidade e, principalmente, no entorno na casa de Luísa criava, deste modo, o pano de fundo, as zonas inabitáveis da vida social para a exploração discursiva do crime. Mas foi, sobretudo, sobre as experiências e os corpos de Joelma, Jairo e Luísa que o discurso jornalístico investiu, descrevendo suas atividades, contando suas histórias de vida, publicando supostas fotos suas, e atribuindo-lhes posições de sujeito diversas que se deslocaram ao longo de maio de 1980, como veremos no próximo capítulo.

Capítulo 2 – O caso Luísa Felpuda e a constituição dos desviantes sexuais

Neste capítulo buscarei analisar o modo como as notícias dos jornais criaram os três principais personagens envolvidos no assassinato de Luísa Felpuda, sendo esses a própria Luísa – vítima, Joelma – enfermeira que cuidava do irmão de Luísa e uma das principais suspeitas, e Jairo – assassino. Porém, o que os une neste capítulo não é somente suas relações de proximidade com o crime, mas, sim, o fato de os jornais terem lhes atribuído posicionamentos de sujeito que os fizeram desviar de uma matriz heterossexual⁶⁰. Nesta trama, Luísa Felpuda foi identificada como homossexual; Joelma criada como uma travesti; e Jairo reconhecido como garoto de programa. O discurso dos jornais, portanto, os constituiu como sujeitos sexualmente desviantes.

A unificação dos três personagens sob o signo do desvio, contudo, não significa apagar suas diferenças, pelo contrário, busco explicitá-las. As denominações utilizadas pelos periódicos para se referir a homossexuais, travestis e garotos de programa manifestam relações de poder, criam posicionamentos assimétricos que atribuem significados ora pejorativos, ora não, aos sujeitos desviantes da matriz heterossexual. É interessante aqui destacar como o “acontecimento midiático Luísa Felpuda” coloca em discurso diferentes categorias identitárias e posições de sujeito, mas que não se encerram no próprio acontecimento, pois se inserem num contexto mais amplo da produção de enunciados sobre as sexualidades desviantes no Brasil, sendo, ao mesmo tempo, seu instrumento e efeito.

O foco deste capítulo recai, portanto, nas páginas policiais de *Correio do Povo*, *Folha da Tarde* e *Zero Hora*, espaço tradicional da criminalidade, da anormalidade e da transgressão; no limite, do desvio⁶¹. Mas, ao noticiarem o caso Luísa Felpuda, os jornais colocavam em discurso e construía sentidos para o crime e para os indivíduos nele envolvidos a partir de diversos elementos narrativos e estratégias editoriais, articulando poderes e saberes variados. Afinal, como coloca Igor de Queiroz, o jornal não é apenas um local de produção de discurso, mas também de divulgação de saberes e relações de

⁶⁰ BUTLER, Judith. Op. Cit., 2015.

⁶¹ QUEIROZ, Igor Henrique Lopes de. Op. Cit., 2014, p. 27.

poder de outros campos discursivos, aqui principalmente o policial e o médico, fazendo, assim, circular efeitos de verdade sobre as personagens descritas⁶².

2.1 - Luísa Felpuda e o sujeito homossexual

No dia 1º de maio de 1980, *Correio do Povo*, *Folha da Tarde* e *Zero Hora* noticiavam o assassinato de Luís Luzardo Corrêa e seu irmão Luidoro, chamados, naquele momento, de “os irmãos homossexuais”. A descrição que os três periódicos fizeram das vítimas era muito semelhante, ao afirmarem que Luís “era um conhecido homossexual da cidade, que gostava de ser chamado de ‘Luísa Felpuda’”⁶³, além de “muito benquisto”⁶⁴. Luís também seria “funcionário aposentado do Departamento Estadual de Portos, Rios e Canais”⁶⁵ que “possuía um hotel de encontros somente para homossexuais na Rua Barros Cassal, onde residia com o irmão”⁶⁶. Luidoro, por sua vez, fora descrito como tendo sofrido “um derrame cerebral e estava inválido”⁶⁷, razão pela qual morava na residência de seu irmão e, embora fosse identificado como homossexual nas primeiras notícias sobre o crime, seria descrito apenas como “doente” ou “inválido” a partir de 3 de maio. A mesma casa em que ambos residiam foi o palco do brutal assassinato dos irmãos na madrugada do dia 30 de abril, e seria posteriormente incendiada pelo assassino, segundo a polícia, ainda desconhecido naquele momento.

A fama de Luísa seria detalhada, no dia seguinte, pela reportagem da *Folha da Tarde* que foi até o “meio homossexual da cidade” para verificar a repercussão do assassinato, descobrindo um enorme carinho que os homossexuais sentiam por Luísa:

“Antigos frequentadores da casa da Rua Barros Casal, 525, que preferem ficar no anonimato, revelam detalhes curiosos sobre a vida naquele bordel diferente. Lembram saudosos a época em que o bonde da Carris descia a rua, despertando os sonolentos e exaustos “casais” que se refugiavam na acolhedora casa de “Luísa Felpuda” para suas aventuras proibidas, escondendo-se da condenação social. – Duvido –

⁶² Idem, p. 39

⁶³ Polícia acha que ‘travesti’ é o autor dos crimes no bordel. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 01 maio 1980, p. 5.

⁶⁴ Travesti é suspeito número um. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 01 maio 1980, p. 42

⁶⁵ Polícia acha que ‘travesti’ é o autor dos crimes no bordel. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 01 maio 1980, p. 5; Travesti é suspeito número um. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 01 maio 1980, p. 42; Polícia tem *travesti* como suspeito na morte dos irmãos homossexuais. **Zero Hora**, Porto Alegre, 01 maio 1980, p. 40.

⁶⁶ Polícia acha que ‘travesti’ é o autor dos crimes no bordel. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 01 maio 1980, p. 5; Travesti é suspeito número um. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 01 maio 1980, p. 42.

⁶⁷ Polícia acha que ‘travesti’ é o autor dos crimes no bordel. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 01 maio 1980, p. 5.

acentuou um travesti – que haja em Porto Alegre alguma boneca que não tenha conhecido Luisa e sua casa”⁶⁸.

A “casa”, portanto, representa um ponto importante da trajetória da personagem, de modo que “Luísa e sua casa” pareçam indissociáveis. As lembranças dos dissidentes sexuais, contudo, também ressaltam a atuação que a própria Luísa teria na construção de sua figura como pessoa acolhedora, imagem comum nos discursos e memórias sobre donas de bordéis e cafetinas⁶⁹:

“‘Luisa’ gostava de receber pessoalmente seus amigos e fregueses, cumprimentando delicadamente a todos. Para os que apareciam pela primeira vez, anunciava um lânguido “seja bem vindo, meu filho”. Conta-se que a casa era um verdadeiro tempo para a iniciação homossexual. Ali os neófitos encontravam a acolhida necessária, o ambiente certo, seguro e, depois não desejavam mais outro ponto de encontro, tal a atenção dispensada pelo anfitrião”⁷⁰.

A criação de um ambiente seguro abarcava não somente a existência de um espaço fechado onde os homossexuais pudessem desenvolver suas relações sexuais com privacidade, mas também a acolhida e o aconchego dispensados pela dona do bordel, que propiciava os elementos necessários e desejados para a “iniciação homossexual”. A experiência neste ambiente configurava uma situação que se distanciava daquelas vividas pela maioria dos homossexuais nas ruas, o espaço em que, historicamente, podiam desenvolver suas atividades sexuais⁷¹, experiência essa permeada por uma série de riscos, como roubos e extorsões por indivíduos que se apresentavam como possíveis parceiros sexuais e, no limite, marcada também pelo risco de morte⁷².

A imagem de uma Luísa acolhedora, contudo, não era homogênea entre os indivíduos que a conheciam e que frequentavam sua casa. A mesma reportagem de *Folha da Tarde* enunciava, em poucas linhas, que, em uma das boates gays, entrevistaram uma travesti, identificada apenas como Marisa, que teria afirmado que, na casa de Luísa, “o ambiente era pesado, sacudido frequentemente por discussões aos gritos e brigas, pelos mais diversos motivos”⁷³. No texto do jornal, esta fala, na forma

⁶⁸ Suspeito identificado. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 02 maio 1980, p. 42.

⁶⁹ RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 175.

⁷⁰ Suspeito identificado. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 02 maio 1980, p. 42.

⁷¹ GREEN, James. Op. Cit, 2000, p. 33.

⁷² PERLONGHER, Néstor, Op. Cit., 1987, p. 220.

⁷³ Suspeito identificado. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 02 maio 1980, p. 42.

de citação indireta, aparece apenas no final da longa reportagem dedicada a demonstrar “de forma quase unânime”⁷⁴ o carinho que os entrevistados mantinham por Luísa. Mas a afirmação da travesti Marisa institui um espaço diferente daquele narrado pelos demais, e se coaduna com a noção de que as identidades, mesmo entre os sujeitos sexualmente desviantes que muitas vezes compartilhavam da experiência das ruas, não são unificadas, mas múltiplas, fraturadas e estratégicas⁷⁵.

A fama da personagem, por sua vez, positiva ou negativa, não se restringia ao “meio homossexual”. O discurso dos jornais informava que Luísa também soube cultivar amizade e respeito entre seus vizinhos e colegas de trabalho. Já no dia 1º de maio, *Folha da Tarde* divulgava a impressão dos vizinhos sobre a brutal morte dos irmãos:

“Embora homossexual, Luís Luzardo Correa – a ‘Luiza Felpuda’, - e seu irmão Luidoro Luzardo Correa, que era doente pois sofrera dois enfartes e um derrame, únicos moradores do prédio incendiado anteontem, ambos eram respeitados e admirados pela vizinhança. Os comentários ontem, depois de conhecido o trágico final que os dois tiveram, eram de surpresa e indignação. Os vizinhos fizeram questão de assinalar, especialmente no caso de Luísa, que ‘ele era boa gente e muito amigo das pessoas: Choramos essas mortes’. O fato de ser homossexual, antes de ser uma razão forte para que as pessoas o odiassem, era aceito tranquilamente por elas”⁷⁶.

Se Luísa era um homossexual admirado e respeitado entre a vizinhança, a forma do discurso jornalístico nos informa que o era por ser uma exceção. A expressão “embora homossexual” iniciando o texto indica uma trajetória de vida que parece desviar do tradicional posicionamento do sujeito homossexual. E o próprio texto nos lembra que, naquele contexto, o lugar do homossexual era um local de ódio, uma “razão forte” para que os outros os rejeitassem e os depreciassem, constituindo, assim, vidas abjetas. Na sequência, a reportagem elencava os motivos que poderiam explicar a existência de um homossexual célebre e querido:

“A explicação para isso talvez esteja ligada à convivência desses últimos 30 anos em que ele morou naquela casa, durante a qual os vizinhos aprenderam a aceita-lo como ele era. Durante todo esse

⁷⁴ Idem.

⁷⁵ HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T.; HALL, S.; WOODWARD, K. (org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 108.

⁷⁶ Travesti é suspeito número um. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 01 maio 1980, p. 42.

tempo, Luís Correa demonstrou muito mais amizade para com eles do que ser um intolerante e temperamental, como parecem ser muitos dos ‘anormais’ (...). Essa sua maneira de ser inclusive foi lembrada ontem para explicar que a ninguém ocorreu que ele tivesse inimigos, pelo menos a ponto de cometer um crime como o que foi praticado. Acostumados com barulhos, pois Luís costumava receber muitas visitas durante a noite, os vizinhos já tinham se conformado com aquele movimento diário⁷⁷.

É precisamente por se distanciar de uma certa figura da homossexualidade, associada à intolerância e ao comportamento temperamental que estabeleceria sujeitos “anormais”, que Felpuda conquistava a amizade dos vizinhos. A ligação entre homossexualidade e anormalidade se deu no século XIX quando se constituiu o próprio domínio da anomalia a partir da união de três figuras: o monstro humano, o indivíduo a ser corrigido e a criança masturbadora⁷⁸. Desde o início, o campo da anomalia se encontra com o da sexualidade. Primeiramente, porque a anomalia instaura uma compulsão de codificação, classificação e policiamento de indivíduos. Em segundo lugar, porque são identificados diversos casos particulares de anomalia e que passam a ser configurados como distúrbios sexuais⁷⁹. Um dos resultados da aproximação entre esses dois campos foi a classificação e especificação de toda uma gama de sexualidades disparatadas, entre as quais a homossexualidade. O homossexual tornava-se, assim, uma personagem com um passado, um caráter, uma forma específica de vida, e “nada daquilo que ele é, no fim, escapa à sua sexualidade”⁸⁰.

Foi através da incitação e proliferação de discursos sobre o sexo que, no século XIX, a sexualidade forma um novo mecanismo de poder que pôde nomear essas diversas sexualidades, classificadas entre “normais” e “anormais”, e controlá-las por dispositivos de vigilância e de confissão⁸¹. Porém, os jornais parecem nos informar que os discursos normativos da (homo)sexualidade não capturavam Luísa Felpuda totalmente, de modo que ela subvertia a imagem mais comumente enunciada do homossexual. Através de estratégias e táticas cotidianas⁸², como a boa relação cultivada entre os vizinhos ao longo dos trinta anos em que viveu na mesma rua, e mesmo na

⁷⁷ Idem.

⁷⁸ FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001, p. 69.

⁷⁹ Idem, p. 211-212.

⁸⁰ FOUCAULT, Michel. Op. Cit., 2015, p. 48.

⁸¹ Idem, p. 47.

⁸² CERTEAU, Michel de. Op. Cit., 1998.

recepção calorosa aos seus clientes, Luísa reatualizava o modelo de homossexual proposto pelos discursos midiáticos, criando significados singulares sobre si e estetizando sua existência⁸³.

De modo semelhante, mantinha boas relações com os colegas de trabalho do Departamento Estadual de Portos, Rios e Canais onde teria exercido diversas funções ao longo de 38 anos como funcionário. A simpatia, a capacidade de ter boas conversas, o bom humor e também uma aparência elegante, resultado dos inúmeros cuidados de si⁸⁴, são lembradas pelos colegas para relatar o último dia de Luísa no trabalho antes de sua trágica morte, no qual teria chegado bem alegre e disposto “com o jornal embaixo do braço para emprestar aos colegas e bem vestido, num bem cortado terno azul-marinho, camisa branca, sapato preto e gravata azul e vermelho. Assinou o ponto, conversou bastante e até tomou cafezinho com café solúvel, como era seu hábito”⁸⁵. A dedicação às relações e aos cuidados de si teria despertado o carinho e o respeito dos colegas de departamento, mas também havia uma importante questão econômica:

“O certo é que entre seus colegas ele era muito respeitado e querido, a ponto de não haver um que tenha ouvido falar mal dele, dos 11 funcionários que agora operam no Armazém C-1, muitos dos quais com até 15 anos de convivência profissional. José Bonifácio Santana, que é fiel no C-1, é um dos que só fazem elogios para Luís Luzardo Correa, porque ‘seu gênio era muito bom, eu diria até mesmo uma criança, um companheiro, um amigo’. Independente disso, afora sua simpatia e comunicabilidade ele até emprestava dinheiro para os que se encontravam em dificuldades financeiras, pois como pondera Santana ‘Luís tinha bons recursos, falavam até em apartamentos alugados’”⁸⁶.

O tratamento pelo nome de batismo de Luís indica se tratar de dois personagens distintos que engendravam relações e modos de ser em espaços diferentes. Entre os dissidentes sexuais, a fama e o afeto provinham do carinho específico que Luísa Felpuda dedicava aos seus clientes. Já entre os colegas de DEPRC, seria a simpatia, o bom humor e os supostos vastos recursos financeiros que detinha unido aos empréstimos que fazia aos companheiros que configurariam a popularidade de Luís. E *Folha da Tarde* explicitava essa distância entre os dois personagens:

⁸³ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2**: O uso dos prazeres. São Paulo: Paz e Terra, 2014b.

⁸⁴ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3**: o cuidado de si. São Paulo: Paz e Terra, 2014c.

⁸⁵ Travesti é suspeito número um. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 01 maio 1980, p. 42-43.

⁸⁶ Idem.

“Aos 30 minutos da madrugada de ontem, ele foi encontrado morto, enrolado em uma cortina de plástico, vários cortes no rosto, no banheiro do prédio 525 da rua Barros Cassal, onde morava, não mais como Luís Luzardo Correa – sobrinho do embaixador Batista Luzardo, - mas, sim, como “Luiza Felpuda”, como era conhecido entre os homossexuais”⁸⁷.

Quem teria morrido, portanto, seria Luísa Felpuda, o homossexual conhecido da cidade, e não Luís Luzardo que descendia de uma tradicional família da região da fronteira do Estado, cujo maior expoente seria o político e embaixador na Argentina e no Uruguai durante as décadas de 1940 e 1950, João Batista Luzardo⁸⁸, tio de Luís. A relação que os irmãos mantinham com a família foi largamente especulada pelos jornais desde o anúncio dos assassinatos. Um dos elementos que incentivava explorar a natureza dessas relações seria a existência de uma suposta fortuna que Luísa havia deixado. E o fato de não aparecer um herdeiro para contestá-la era interpretado pela polícia como normal, considerando ser um caso que envolvia a transgressão e a dissidência: “O não-comparecimento de nenhum parente dos irmãos é atribuído a um natural constrangimento devido à repercussão que o crime está tendo na Imprensa”⁸⁹. Somente depois de transcorrida uma semana do crime, um parente apareceu na delegacia para prestar depoimento, fato que seria utilizado pelo jornal *Zero Hora* para revelar alguns detalhes da relação entre as vítimas e a família:

“(…) na tarde de ontem, acompanhado por um advogado, apresentou-se na DH Manoel Bento Luzardo, um dos tios dos dois irmãos, que havia sido localizado pela polícia. Bastante cauteloso, ele declarou que não queria ser entrevistado e que havia se reunido com seus parentes, sendo decidido que ele compareceria em nome de toda a família, para receber os pertences pessoais das vítimas. No entanto, apesar de toda a reserva de Manoel, percebeu-se que ele estava bastante constrangido com a repercussão do crime e, especialmente, com os detalhes que estão sendo revelados da vida de Luiza Felpuda. Mesmo se negando a falar, ele contou que não visitava seu sobrinho: -

⁸⁷ Idem.

⁸⁸ Informações disponíveis em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joao-batista-luzardo> . Acesso em 12/12/2017.

⁸⁹ Polícia não encontra herdeiros de *Luiza Felpuda* que deixou milhões. **Zero Hora**, Porto Alegre, 07 maio 1980, p. 39.

Eu quase nunca o via, pouco posso falar sobre ele. Mas adianto que não aprovava seu modo de vida...”⁹⁰.

Ao se transformar em Luísa Felpuda, Luís Luzardo havia se tornado um problema, um constrangimento, um modo de vida reprovável, teria já morrido para a família. Morte não física, mas simbólica, uma morte social⁹¹. Ao ser assassinada por Jairo, Luísa parece ser colocada numa disputa entre aqueles que querem lembrá-la como homossexual, com o carinho que ela lhes dedicava, e a família que prefere esquecer, fazer desaparecer rapidamente os laços que as ligavam. A morte social, a exclusão e a rejeição pela família são fenômenos recorrentes entre os homossexuais nas décadas de 1970 e 1980 e ainda o são no século XXI⁹². Ao se assumirem homossexuais, os indivíduos passam a ser capturados por todo um estoque de discursos, imagens e significados que remetem à noção de anormalidade, de depravação, de doença que merece ser curada e regulada. Diante da recusa ou da impossibilidade de cura, resta a morte social levada a cabo por muitas famílias.

Se as notícias analisadas até aqui, sobretudo aquelas veiculadas pelo jornal *Folha da Tarde*, ressaltaram a fama de Luísa, sua excepcionalidade, sua fuga do tradicional posicionamento do homossexual, ela não escapou de discursos estigmatizantes. A partir do dia 2 de maio, os jornais passaram a detalhar mais a investigação da polícia em andamento e a levantar outras informações sobre as vítimas e o funcionamento da “casa”:

“Segundo as informações conseguidas, a pensão mantida por Luiza Felpuda era uma das três casas do gênero existentes em Porto Alegre, rendendo Cr\$ 100,00 por **instante** (encontro rápido). **Luiza Felpuda** era sado-masoquista e de acordo com declarações de pessoas que o conheciam, por mais de uma vez chegou a mostrar marcas no corpo resultantes de auto-flagelo. O fato vem a criar uma nova hipótese: possivelmente tenha ocorrido uma sessão de orgia no interior da residência, ocasião em que o companheiro do homossexual tenha se excedido no flagelo e terminado por matá-lo, fazendo o mesmo com o irmão para não restar testemunha” (grifos no original)⁹³.

⁹⁰ Polícia localiza herdeiro de Luiza Felpuda e apura novas pistas. **Zero Hora**, Porto Alegre, 08 maio 1980, p. 49.

⁹¹ FERRARI, Anderson; SEFFNER, Fernando. “A morte e a morte”... dos homossexuais. **Gênero**, Niterói, v. 10, n. 1, p. 189-217, 2. sem. 2009, p. 193.

⁹² *Idem*.

⁹³ Polícia já identificou 6 suspeitos do crime. **Zero Hora**, Porto Alegre, 02 maio 1980, p. 28.

No dia seguinte e depois no dia 8 de maio, *Zero Hora* interpela novamente Luísa como o “homossexual sado-masquista”⁹⁴. No restante do mês, o jornal abandona esta classificação e passa a se referir a Luísa somente como “homossexual” ou “conhecido homossexual”. De qualquer modo, a emergência desse discurso nos mostra uma ligação potencialmente estigmatizante. O sadomasoquismo, no texto de *Zero Hora*, parece estar significando uma prática sexual qualificada como violenta, uma perversão de ordem sexual em que as pessoas estão submetidas a uma relação de agressividade, e não, o que contemporaneamente tem sido definido como uma performance ou jogos de poder simulados⁹⁵. Ao interpelar a personagem desta forma, o periódico lhe imputava, então, uma posição duplamente transgressora, estranha e anormal. O fato de ser homossexual e sadomasquista era o que poderia explicar o motivo de sua morte, não a violência homofóbica ou o latrocínio, mas o ato mesmo de expressão de sua presumida sexualidade.

O sadomasoquismo é um fenômeno cultural que tem suas primeiras expressões encontradas na Europa ainda no século XVIII, segundo Maria Filomena Gregori. Mas, a partir dos anos 1970, há um movimento que associa, sobretudo no contexto europeu e estadunidense, tal prática a minorias sexuais, produto da visibilidade que adquirem grupos sadomasoquistas de gays e lésbicas⁹⁶. No Brasil, contudo, diz a autora, essas práticas só ganhariam visibilidade a partir da década de 1990. O que poderia estar incitando, então, este discurso sobre uma Luísa sadomasquista? Talvez pudéssemos voltar nosso olhar sobre a prostituição, universo em que ela estava imersa, e que, de acordo com Margareth Rago, tem a violência como um dos elementos que constituem as práticas sociais ali estabelecidas⁹⁷. Prostituição, violência e dissidência sexual formavam um conjunto de relações ao qual Luísa Felpuda teria se associado em vida, cujo resultado poderia ser a emergência desse discurso que a produzia também como sadomasquista.

Cerca de uma semana depois, Luísa voltaria a ser enquadrada na teia da abjeção em *Zero Hora*, desta vez pelas palavras do advogado de defesa do assassino que teve uma longa entrevista publicada pelo jornal:

⁹⁴ Ex-soldado é autor da chacina dos dois irmãos homossexuais. **Zero Hora**, Porto Alegre, 03 maio 1980, p. 30.

⁹⁵ GREGORI, Maria Filomena. Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, V. 51 n° 2, 2008, p. 591.

⁹⁶ Idem, p. 591

⁹⁷ RAGO, Margareth. Op. Cit., 1991, p. 229.

“Para o advogado Nei de Oliveira, embora o caso se apresente difícil existem aspectos que pesam em favor de Jairo. E entre eles a vida pregressa da vítima, repleta de etapas que vão desde a iniciação de menores no homossexualismo até as festas de embalo onde os tóxicos eram uma constante: - Num caso desta natureza, será preciso saber quem era a vítima e quem é o autor. De um lado, **a vítima se constituía uma sacerdotisa que iniciava seus servidores na prática de aberrações sexuais**. E não pense que o homossexual é um elemento delicado e avesso à violência. Basta citar a quantidade incrível de ocorrências envolvendo travestis, que se munem de facas, giletes, navalhas e são violentas até na hora da prisão. O seu Luiz, a Luiza Felpuda, é de domínio público que **mantinha uma casa que era considerada um templo sagrado, onde a depravação, a corrupção e as aberrações sexuais eram a permanente tônica dos relacionamentos**. Luiza Felpuda, na sua **vida depravada**, deve ter arruinado a vida sexual de centenas de jovens, menores, cuja formação moral não era férrea. Portanto, quem semeia vento, colhe tempestade: aquele que, **ao longo de vários anos, espargiu violências, corrupção, angústia, depravação**, teve um fim trágico mas não surpreendente. No ponto de vista de Nei Oliveira, seu cliente é uma das muitas vítimas de Luiza Felpuda, pelos danos morais causados pelo sado-masoquista à sociedade atual: - Quis o destino que a **purificação da sociedade** se fizesse através de um menor, religioso e exacerbadamente responsável, pois **sua conduta se justifica quando Luiza Felpuda**, após o uso de tóxicos, **tentou inverter o relacionamento sexual**. (...) Se formos buscar as causas remotas da morte de Luiza Felpuda, há de se reconhecer que seus gestos estão justificados (...) aquilo lá servia para a **prática de toda espécie de vício**. Era um pequeno hospício dominado pela fantasia insana dos pederastas, traficantes, prostitutas e toxicômanos. Estes eram os frequentadores do local, um pernicioso bordel”⁹⁸ (grifos nossos).

A fala do advogado Nei Soares de Oliveira invoca uma série de figuras associadas à homossexualidade na tentativa de convencer a opinião pública de que a culpa do crime seria, na verdade, da vítima, em razão de sua orientação sexual e do fato de ser a dona de um bordel que possibilitava relações homoeróticas. Cria, então, uma Luísa cujas práticas estariam associadas à violência, à corrupção, à depravação, as quais formariam seu próprio reino de “aberrações sexuais”. Para justificar a ação brutal de seu cliente,

⁹⁸ Polícia localiza herdeiro de Luiza Felpuda e apura novas pistas. **Zero Hora**, Porto Alegre, 08 maio 1980, p. 48-49.

associa a personagem à ideia de fraqueza moral e sexual a partir de duas chaves explicativas: de gênero e de idade.

Segundo o advogado, as ações cotidianas de Luísa Felpuda, suas escolhas tomadas ao longo de uma vida inteira se transformavam em violências e agressões àqueles jovens que frequentavam sua casa e que não teriam capacidade suficiente para discernir o certo do errado. Mas para que a imagem de uma Luísa violenta fosse crível era necessário distanciar-se da visão comum do homossexual como um sujeito delicado, fraco, passivo, “feminino”. Para provar seu argumento, evoca, então, a figura das travestis como um “tipo” de homossexual especialmente agressivo, associado à criminalidade, sempre disposto a ferir alguém com todo o tipo de objetos cortantes. Porém, ao mesmo tempo que chama Luísa a ocupar uma posição de agressividade, atributo seguidamente associado ao masculino, é preciso esclarecer que, no ato sexual, ela ocupava a posição considerada passiva, era a “bicha”, ao passo que Jairo seria o ativo, o “macho”⁹⁹. A suposta tentativa de inverter esse arranjo, consequência do uso de drogas por parte da vítima, teria sido imediatamente reprimida por Jairo e resultando na morte de Luísa. No discurso do defensor, o assassino se configurava, assim, num grande herói, que salvou a juventude dos vícios e corrupções representados por Luísa, purificando a sociedade.

Analisando os processos judiciais de latrocínio (roubo seguido de morte) instaurados na cidade do Rio de Janeiro ao longo da década de 1980 em que homens homossexuais foram vitimados, Sérgio Carrara e Adriana Vianna identificam certas continuidades no modo como os operadores da justiça (policiais, promotores, advogados, juízes, etc.) viam e diziam a homossexualidade¹⁰⁰. Nestes casos, havia uma forte tendência em culpabilizar a vítima por seu comportamento sexual que ganhava voz e se intensificava a partir da atuação dos defensores dos acusados. De modo geral, atacavam aspectos da vida da vítima, fazendo alusões às imagens de degenerescência

⁹⁹ Este modelo baseado nos binários “bicha/macho”, “bicha/bofe” e “ativo/passivo” foi primeiramente analisado pelo antropólogo Peter Fry, no começo dos anos 1980, para pensar um tipo comum nas relações sexuais entre homens no Brasil. Fry o denominou de modelo “popular” ou “hierárquico”. Mas o antropólogo aponta ainda que emergia, naquele momento, um outro modelo, chamado “igualitário” ou “gay/gay”, que se contrapunha ao primeiro ao buscar estabelecer uma nova identidade, a homossexual, a qual seria baseada na igualdade das relações sexuais e afetivas. Para mais ver: FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

¹⁰⁰ CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana. “As vítimas do desejo”: os tribunais cariocas e a homossexualidade nos anos 1980. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

sexual e moral, anomalia e fraqueza de maneira muito semelhante à estratégia de defesa do advogado de Jairo.

Outro ponto que emerge da análise de Carrara e Vianna é o fato de, na grande maioria dos casos, vítimas e assassinos guardarem entre si posições sociais muito distintas. Geralmente, as vítimas eram descritas como mais ricas, mais velhas e mais brancas que seus assassinos, os quais eram apresentados como garotos de programas, com quem já mantinham uma relação anterior, envolvendo a prostituição de algum modo. Comumente os crimes ocorriam antes, durante ou logo depois de uma relação sexual, na qual a vítima ocupa a posição de passiva e seu algoz é tido como ativo, pago para lhe penetrar. Em alguns casos, a classe social da vítima também é evocada pelos advogados de defesa para argumentar que suas fraquezas morais e sexuais, unidas às suas posses materiais capazes de satisfazê-las, acabavam traçando o caminho trágico de suas vidas.

A situação financeira de Luísa é colocada em discurso pelos periódicos em diversas ocasiões. Já no dia 2 de maio, *Zero Hora* afirmava que “era um homem de muitas posses e todas as pessoas que o conheciam afirmavam que ele praticava agiotagem”¹⁰¹, indicando ainda que esse poderia ser um dos motivos para sua morte. Alguns dias depois, ao entrevistarem Joelma, confirmam que a prática da agiotagem era comumente operada por Luísa. Como resultado disso, os jornais apresentavam a existência de uma suposta fortuna milionária da dona do bordel¹⁰². Porém, o desenrolar das investigações e a busca da polícia por um anel de diamantes usado pela vítima que havia sumido revelou que “Luiza era pobre. Até empenhava jóias”, como afirmava o título da reportagem de *Folha da Tarde*¹⁰³, após descoberto que o anel desaparecido havia sido penhorado por Luísa alguns dias antes de morrer. O dinheiro ganho com a venda do anel foi, segundo *Zero Hora*, destinado a pagar a prestação de um automóvel que a personagem teria dado a um presumido amante seu, que não havia sido mencionado em nenhum momento anterior e nem seria citado posteriormente. Interessante notar como o dinheiro recebido pela venda da joia não é sequer pensado como destinado à subsistência de Luísa que “era pobre”, mas, sim, diretamente associado à finalidade de alimentar suas necessidades afetivas e sexuais.

¹⁰¹ Polícia já identificou 6 suspeitos do crime. **Zero Hora**, Porto Alegre, 02 maio 1980, p. 29.

¹⁰² Polícia não encontra herdeiros de *Luiza Felpuda* que deixou milhões. **Zero Hora**, Porto Alegre, 07 maio 1980, p. 38.

¹⁰³ “Luiza” era pobre. Até empenhava jóias. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 17-18 maio 1980, p. 66.

Os pontos menos conhecidos da vida de Luísa, como o aspecto financeiro e sua relação com possíveis parceiros sexuais, acabavam sendo mais explorados pela imprensa e “revelados” a partir da lógica do dispositivo da sexualidade. Mas, desde o dia 7 de maio, as suspeitas sobre tais zonas secretas da vida da personagem tomavam outra proporção e se direcionavam à, potencialmente, “toda” a cidade, com um novo depoimento de Joelma à polícia no qual afirmava que Luísa possuía uma agenda onde anotava os nomes e telefones de seus clientes e que havia desaparecido após o crime¹⁰⁴. Baseada nesta nova informação, encontrar a agenda de Luísa tonou-se “a grande preocupação da polícia”¹⁰⁵, alimentando a suspeição de que Jairo não teria atuado sozinho. O desaparecimento da agenda era citado quase diariamente¹⁰⁶ nas páginas da imprensa como o grande eixo investigativo que passava a guiar a atuação policial, mas também como obsessão por revelar quem seriam os frequentadores da casa, possivelmente “personalidades famosas”¹⁰⁷ que poderiam estar por trás do crime. A fixação por revelar quem seriam os “invertidos” e “anormais” que frequentavam o bordel da personagem, os “famosos” que se escondiam sob as paredes da casa de Luísa, reatualiza aqui a “vontade de saber”¹⁰⁸, manifestada nas páginas policiais dos periódicos ao longo do mês de maio de 1980, como técnica de confissão e controle das sexualidades desviantes.

Os rastros da trajetória de Luísa que emergem nas narrativas dos jornais nos informam que ela não se enquadrava no habitual posicionamento do sujeito homossexual no Brasil do começo dos anos 1980, homens por vezes destinados à invisibilidade, ao silêncio, à morte, vidas abjetas, indivíduos infames¹⁰⁹. A personagem aqui analisada seria uma exceção, uma pessoa famosa e querida por aqueles que com ela conviveram - clientes homossexuais, colegas de trabalho e vizinhos -, mas não o seria pelos mesmos motivos. Luísa, na verdade, foi distintas personagens nos diferentes espaços em que transitava, diferenças que os discursos dos jornais fizeram emergir. Mas a popularidade de Luísa se encontraria, no momento de sua morte, com a abjeção a

¹⁰⁴ Polícia não encontra herdeiros de *Luiza Felpuda* que deixou milhões. **Zero Hora**, Porto Alegre, 07 maio 1980, p. 38.

¹⁰⁵ Polícia localiza herdeiro de Luiza Felpuda e apura novas pistas. **Zero Hora**, Porto Alegre, 08 maio 1980, p. 48.

¹⁰⁶ Em ZH foi mencionada nos dias 07, 08, 09, 10, 11, 13, 14, 15, 16 e 17 de maio. Em FT seria citada em 08 e 15 de maio. E no dia 14 de maio pelo CP.

¹⁰⁷ Novas pistas vão complicar mais a morte de “Luísa”. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 08 maio 1980, p. 50.

¹⁰⁸ FOUCAULT, Michel, op. cit., 2015.

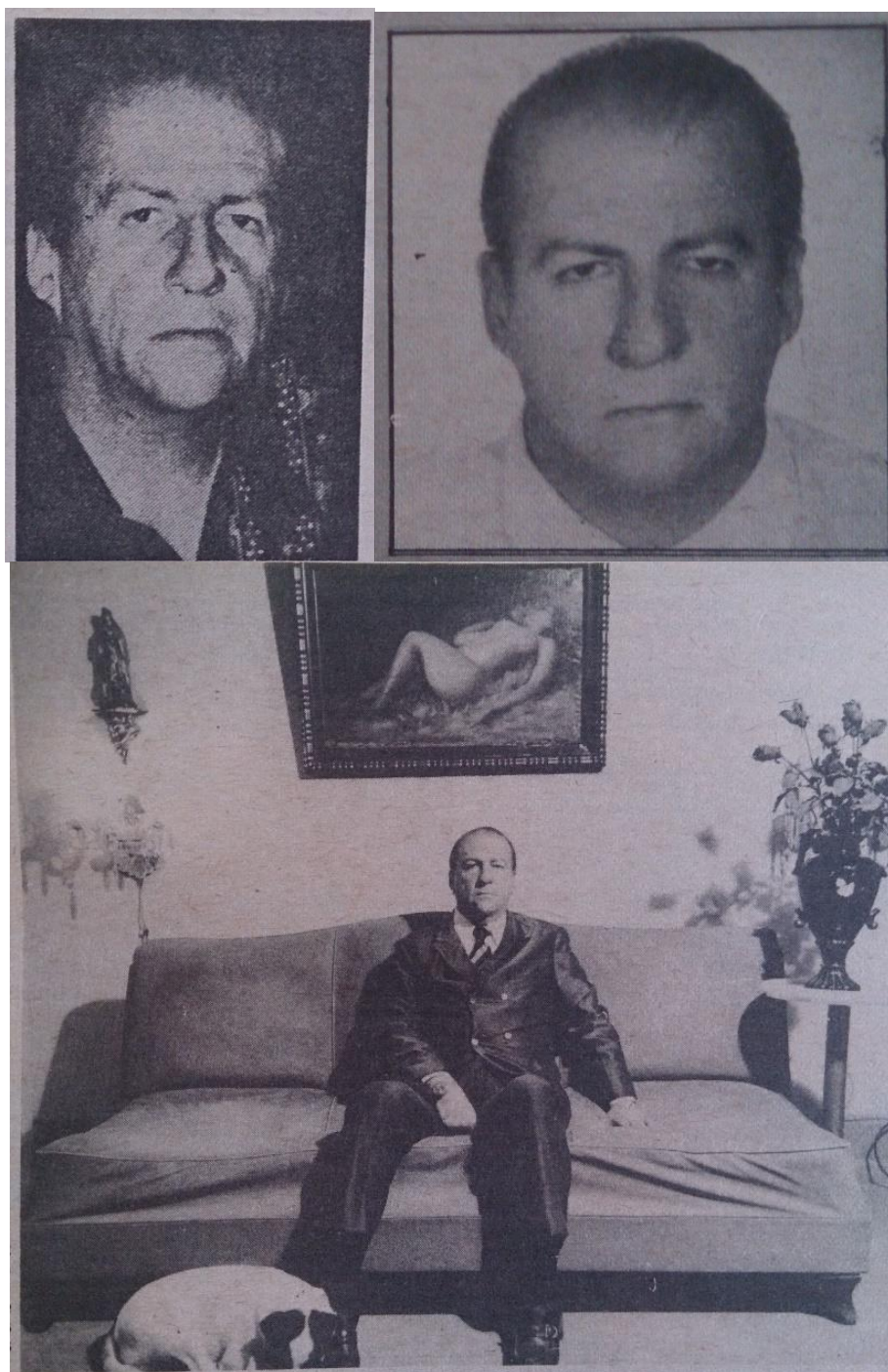
¹⁰⁹ FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. pp. 89-128.

partir do discurso jornalístico que a associava com sadomasoquismo e depravação. Embora, desde os anos 1970, estivesse se construindo uma nova visibilidade e uma nova “dizibilidade” para os sujeitos homossexuais, sobretudo, a partir da atuação do emergente movimento homossexual¹¹⁰ e também do campo das artes¹¹¹, Luísa encontrou seu fim trágico, semelhante ao de muitos outros homossexuais no período, sendo engendrada também na teia da abjeção.

¹¹⁰ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz; CEBALLOS, Rodrigo. Op. Cit., 2004, p. 130.

¹¹¹ James Green afirma que, desde o começo da década de 1970, artistas como o grupo de teatro Dzi Croquettes e o cantor Ney Matogrosso que usavam a androginia para desestabilizar as representações hegemônicas daquilo que era tido como masculino e feminino, passaram a ganhar grande visibilidade na mídia brasileira. Ver: GREEN, James. Op. Cit., 2000, p. 409.

Figura 5 – Mosaico de fotos de Luísa Felpuda publicadas em FT e ZH indicam que, apesar do nome feminino, Luísa performava características identificadas com o gênero masculino.



Fonte: Museu da Comunicação Hipólito José da Costa

2.2 – Joelma e o sujeito travesti

Desde o dia 1º de maio, primeiro momento em que o caso surge na mídia, os jornais porto-alegrenses já apontavam suspeitos que poderiam ter cometido o crime. Manchetes de capa em *Zero Hora* e *Folha da Tarde*, e o título da notícia no *Correio do Povo*, anunciavam que uma travesti deveria ter cometido o assassinato, respectivamente: “Travesti é suspeito da morte dos dois irmãos homossexuais”¹¹², “Travesti pode ser o assassino dos irmãos da casa ‘Gay’”¹¹³ e “Polícia acha que travesti é o autor dos crimes no bordel”¹¹⁴. Embora os textos das matérias mencionassem apenas em uma ou duas frases essa suspeita, focando na descrição da casa e na especulação sobre a vida dos irmãos, era assim que os três periódicos escolheram iniciar a cobertura midiática que perduraria por quase todo o mês de maio de 1980. De modo deliberado, criaram “títulos quentes”¹¹⁵ que exageram o conteúdo das notícias, possivelmente uma exploração sensacionalista da história.

No dia seguinte, *Zero Hora* fornecia mais informações sobre a investigação em andamento, afirmando a existência de seis suspeitos do assassinato, mas nomeava um principal já no subtítulo da reportagem: “O principal é um travesti conhecido por Joelma que foi gerente de uma das vítimas”. Em seguida, afirmava no corpo do texto:

“O travesti loiro que está sendo apontado como um dos principais suspeitos no duplo homicídio em que perderam a vida o homossexual Luiz Luzardo Correa, **a Luiza Felpuda**, e seu irmão Luidoro, foi identificado ontem à noite. Trata-se de um ex-gerente da casa de **Luiza Felpuda**, que cuidava da cobrança dos aluguéis de quartos cedidos para encontros, travesti conhecido como Joelma e cujo primeiro nome é **Joel**”¹¹⁶. (grifos no original).

Ao lado do texto, o periódico publicou uma suposta foto de Joelma com os seios à mostra, vestindo uma saia com fenda, bolsa na mão, numa pose que poderia ser definida como insinuante, possivelmente tirada num momento de “batalha”, e que ocupava mais da metade do comprimento da página, seguida da legenda: “Este travesti é um dos suspeitos procurados pela polícia”. Embora a notícia mencione a existência de outros

¹¹² Travesti é suspeito da morte dos dois irmãos homossexuais. **Zero Hora**, Porto Alegre, 01 maio 1980, p. 1.

¹¹³ Travesti pode ser o assassino dos dois irmãos da casa “Gay”. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 01 maio 1980, p. 1.

¹¹⁴ Polícia acha que ‘travesti’ é o autor dos crimes no bordel. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 01 maio 1980, p. 5.

¹¹⁵ QUEIROZ, Igor. Op. Cit., 2014, p. 124.

¹¹⁶ Polícia já identificou 6 suspeitos do crime. **Zero Hora**, Porto Alegre, 02 maio 1980, p. 28.

cinco suspeitos, cujos nomes estavam sendo mantidos em sigilo, Joelma é a única que teve seu nome e fotos divulgados, sendo imediatamente apontada como assassina. As suspeitas sobre a travesti, inclusive, desencadearam uma operação especial da polícia que durante a madrugada percorreu a zona de prostituição de travestis da cidade – avenidas Independência, Farrapos e outras -, levando dezenas delas para prestar depoimento na delegacia¹¹⁷.

Figura 6 – Presumida foto de Joelma publica por ZH em 02 de maio de 1980.



Fonte: Museu da Comunicação Hipólito José da Costa

Além de buscar informações do paradeiro de Joelma junto às outras travestis, o periódico informava que a polícia havia voltado à casa de Luísa para colher evidências que possibilitassem “auxiliar na identificação e buscas **para a prisão do travesti loiro,**

¹¹⁷ Idem.

magro e de estatura baixa que costumava frequentar a casa das vítimas periodicamente”¹¹⁸ (grifo nosso). A culpa de Joelma aqui já aparece como iminente, restando apenas a necessidade de encontrá-la. Mesmo o surgimento de um “fato novo”, apontado por pessoas que teriam visto alguém pulando os fundos da casa durante a madrugada, é enunciado para logo em seguida ser desconsiderado pelo próprio jornal: “Ocorre que o muro da parte dos fundos é bastante alto e como não havia nenhuma escada encostada naquele local, dificilmente alguém conseguiria escalá-lo para sair na rua Vasco da Gama”¹¹⁹.

A situação mudaria no dia 3 de maio com a publicação de matérias nos três jornais informando que estava preso o assassino dos irmãos, de nome Jairo, que havia confessado à polícia a autoria do crime. Nessa mesma ocasião, *Zero Hora* e *Folha da Tarde* divulgavam que Joelma tinha comparecido voluntariamente à delegacia, na presença de seu advogado, para prestar depoimento, negando todas as acusações, tanto em relação ao assassinato, quanto de sua atuação como gerente da casa. A travesti se apresentava como enfermeira de Luidoro, vitimado por dois derrames e que necessitava de cuidados especiais, afirmando ter deixado a casa por volta das 19h na noite do crime. Segundo ZH, Joelma teria apontado à polícia nomes de pessoas influentes que costumavam frequentar a residência de Luísa e que “sua presença na DH movimentou durante toda a tarde as dependências da delegacia, com a ida e vinda de policiais, repórteres e até mesmo curiosos que desejavam ver o suspeito de uma das mais violentas chacinas acontecidas na capital nos últimos anos”¹²⁰, indicando um possível fascínio que a figura das travestis, associada à criminalidade, provocava nas pessoas¹²¹.

Contudo, a perspectiva de Joelma não estar envolvida no crime duraria pouco. Alguns dias depois, apesar da confissão e da exposição dos detalhes da relação entre Jairo e as vítimas, *Correio do Povo* e *Folha da Tarde* noticiavam que a enfermeira estava sendo apontada pela polícia como cúmplice do assassino, pois, segundo o delegado Valnei, titular da Delegacia de Homicídios, Jairo “não poderia ter cometido sozinho um crime tão brutal”¹²². O advogado do assassino confesso chegaria mesmo a afirmar que essa hipótese da polícia seria “mera especulação”, embora não negasse a

¹¹⁸ Idem.

¹¹⁹ Idem.

¹²⁰ Ex-soldado é autor da chacina dos dois irmãos homossexuais. **Zero Hora**, Porto Alegre, 03 maio 1980, p. 30.

¹²¹ VERAS, Elias. Op. Cit., 2015, p. 26.

¹²² Travesti apontado como cúmplice. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 06 maio 1980, p. 5; “Joelma” teria ajudado a matar “Luísa Felpuda”. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 06 maio 1980, contracapa.

possibilidade de um segundo assassino. Alguns dias depois, jogaria também com a imagem das travestis marginalizadas e criminosas ao dizer: “Suponho que, como todo travesti, deve usar algum tipo de arma, provavelmente faca. Mas não estou acusando”¹²³.

A prática de se travestir remonta, pelo menos, à década de 1930 no Brasil, segundo o historiador James Green¹²⁴. E o carnaval era o espaço privilegiado para essas experiências, como um local no qual a ruptura com algumas normas sociais é permitida. A partir da década de 1940, há uma “apropriação homossexual do carnaval”¹²⁵, de modo que travestir-se passa a ser uma prática comum entre homens homossexuais durante o período da folia, utilizado por eles como um espaço próprio para a experimentação, a sociabilidade e a visibilidade de práticas homoeróticas, não permitidas nas demais épocas do ano. Estas práticas sociais acabaram por produzir e popularizar uma imagem que associaria travesti e homossexualidade e que perduraria até a década de 1970.

Este momento que indica uma temporalidade específica foi chamado pelo historiador Elias Veras de “tempo das perucas”, um tempo no qual o termo travesti significava uma prática eventual, clandestina e restrita a determinados períodos e espaços. Nesta trama, o discurso da imprensa criaria um sujeito travesti que seria um “tipo” de homossexual que se “veste de mulher”. Por sua vez, a passagem da década de 1970 para a de 1980 inauguraria uma nova temporalidade e uma nova subjetividade, o “tempo dos hormônios” ou “tempo farmacopornográfico”, no qual travesti passaria a designar um novo sujeito sexual com uma nova identidade, inseparável de sua dimensão público-midiatizada¹²⁶.

Neste sentido, é interessante perceber como a travesti Joelma é produzida pelo discurso midiático que dela fala. Referida sempre no masculino, como “o” travesti, unido a expressões como “conhecido por Joelma” e sempre seguido ou precedido por seu nome de batismo “Joel”. De modo muito semelhante, os jornais analisados também se referem à Luís Luzardo Correa, sujeito homossexual, que seria popularmente “conhecido por Luísa Felpuda”. Aqui vemos emergir, portanto, um sujeito travesti que é criado como uma categoria específica de homossexual, constituindo também essa nova visibilidade, característica do momento de transição do “tempo das perucas” para o “tempo dos hormônios”.

¹²³ Jairo já admite ter sido ajudado. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 10-11 maio 1980, p. 67.

¹²⁴ GREEN, James, 2000, p. 333.

¹²⁵ Idem ibidem, p. 321.

¹²⁶ VERAS, Elias. 2015, p. 25.

Na emergência deste novo sujeito histórico, a imprensa atuou fortemente, criando uma representação de travesti marginal e estigmatizado que ganha visibilidade ao ser associado à prática da prostituição, à criminalidade, às doenças e à violência¹²⁷. A mídia brasileira, assim, funciona como dispositivo de produção de subjetividades, fazendo parte da matriz heterossexual que interpreta as experiências travestis como estigmatizadas, abjetas e desprovidas de humanidade. É nesse contexto de produção de enunciados sobre as travestis que podemos enxergar os discursos da imprensa porto-alegrense sobre Joelma, a qual é exposta e acusada imediatamente de ter matado Luísa Felpuda e que, mesmo com a confissão de Jairo, é novamente enquadrada como cúmplice criminosa. A travesti emerge das narrativas jornalísticas como um sujeito perigoso, uma pessoa de conduta duvidosa, que, diferentemente dos demais suspeitos, merece atenção especial da polícia. Porém, Joelma não “veste as roupas do estigma”¹²⁸ de modo passivo, expressa também resistência utilizando sua voz e seu corpo, ela elabora um contra-discurso.

Em 7 de maio, os periódicos divulgaram que Joelma havia sido novamente interrogada na delegacia em razão das suspeitas da polícia de que ela poderia ser cúmplice de Jairo. Novamente, a enfermeira nega qualquer participação no crime, mas muda de postura em relação ao seu depoimento anterior, passando agora a colaborar mais proximamente com a polícia. Joelma indica novos rumos para a investigação ao fazer o reconhecimento de várias pessoas que frequentavam a casa, também identifica objetos pertencentes aos irmãos e fornece aos policiais informações que guiarão as investigações até o fim: afirma que o anel roubado por Jairo seria, na verdade, falso, e não o verdadeiro de brilhantes que Luísa sempre usava, e aponta também o sumiço da agenda onde a dona do bordel guardava as informações de todos seus clientes¹²⁹.

Faria ainda uma tentativa de se distanciar da recorrente ligação que lhe imputavam com a prostituição afirmando que “desconhecia totalmente que a casa tinha quartos alugados para encontros de homossexuais”¹³⁰. Para *Zero Hora*, teria ainda dito que nunca exercera a função de gerente do bordel, que sua atuação se limitava à enfermagem: “Desde 1976 que eu cuidava de Luidoro, que era uma pessoa muito doente, já tinha tido dois enfartes e era necessário que alguém ficasse cuidando dele

¹²⁷ VERAS, Elias; GUASCH, Oscar. Op. Cit., 2015.

¹²⁸ Idem, p. 42.

¹²⁹ “Joelma” diz que é inocente. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 07 maio 1980, p. 43.

¹³⁰ Idem.

quando Luiza saía para trabalhar”¹³¹. Mais do que negar as acusações, a travesti parece tentar dotar sua vida de sentido temporal, construir sua biografia que ressalta os aspectos “positivos” de sua trajetória, e novamente se distanciar dos enunciados que se referem às travestis como desprovidas de biografia, cujas histórias poderiam ser resumidas à prática do crime a que parecem associadas¹³².

Nas poucas vezes em que a travesti ganha voz nos jornais, tendo suas palavras citadas literalmente, Joelma as usa estrategicamente para desviar o foco de sua imagem. Semelhantemente ao advogado Nei Soares de Oliveira, ela tenta deslegitimar a versão do assassino, buscando apoio nos princípios de rejeição à palavra do louco corroboradas pelo discurso médico¹³³:

“- Lá iam muitos soldados e esse era um deles. Aliás, os únicos amigos deles que eu sei eram também soldados. Esse Jairo acho até que era meio abobado. Ele ficava um longo tempo sentado numa cadeira, sem falar, olhando a televisão colorida de Luiza. Quando a gente fazia uma pergunta, ele só dizia ‘Ah? Ah?’. Acho que o advogado desse rapaz deveria solicitar um exame psiquiátrico no seu cliente, pois parece que não regula muito bem”¹³⁴.

O contra-discurso de Joelma é elaborado também como modo de denunciar o estigma e a injustiça que a própria imprensa criava ao noticiar os fatos de forma sensacionalista, explorando sua imagem e a das vítimas. Assim, *Zero Hora* afirma, em 11 de maio, ao publicar uma pequena entrevista com a enfermeira, que “Joelma, ou Joel, mostrava-se irritado ao conversar com os repórteres no gabinete do advogado Cláudio Brito. Afirmando que concedia, pela última vez entrevistas, isto para terminar com toda a fofoca em torno do duplo homicídio”. Em seguida, citava suas palavras:

“- Escreve aí que está havendo uma injustiça. O Luidoro, de quem eu cuidava, não era homossexual. Tenho certeza também que ao sair da casa deles, lá estavam Luiza Felpuda e o Luidoro. Quem chegou depois eu não sei, pois saí por volta das 19h30min. Sei e conheci muitos frequentadores da casa que eram amigos do Luiz, gente fina e de projeção. Ele era muito benquisto. Quanto ao crime nada sei, e se soubesse contaria à Polícia, pois gostava daqueles dois irmãos muito

¹³¹ Polícia não encontra herdeiros de *Luiza Felpuda* que deixou milhões. **Zero Hora**, Porto Alegre, 07 maio 1980, p. 39.

¹³² VERAS, Elias; GUASCH, Oscar, op. cit., p. 47

¹³³ FOUCAULT, Michel. Op. Cit., 2014a, p. 10.

¹³⁴ Polícia não encontra herdeiros de *Luiza Felpuda* que deixou milhões. **Zero Hora**, Porto Alegre, 07 maio 1980, p. 39.

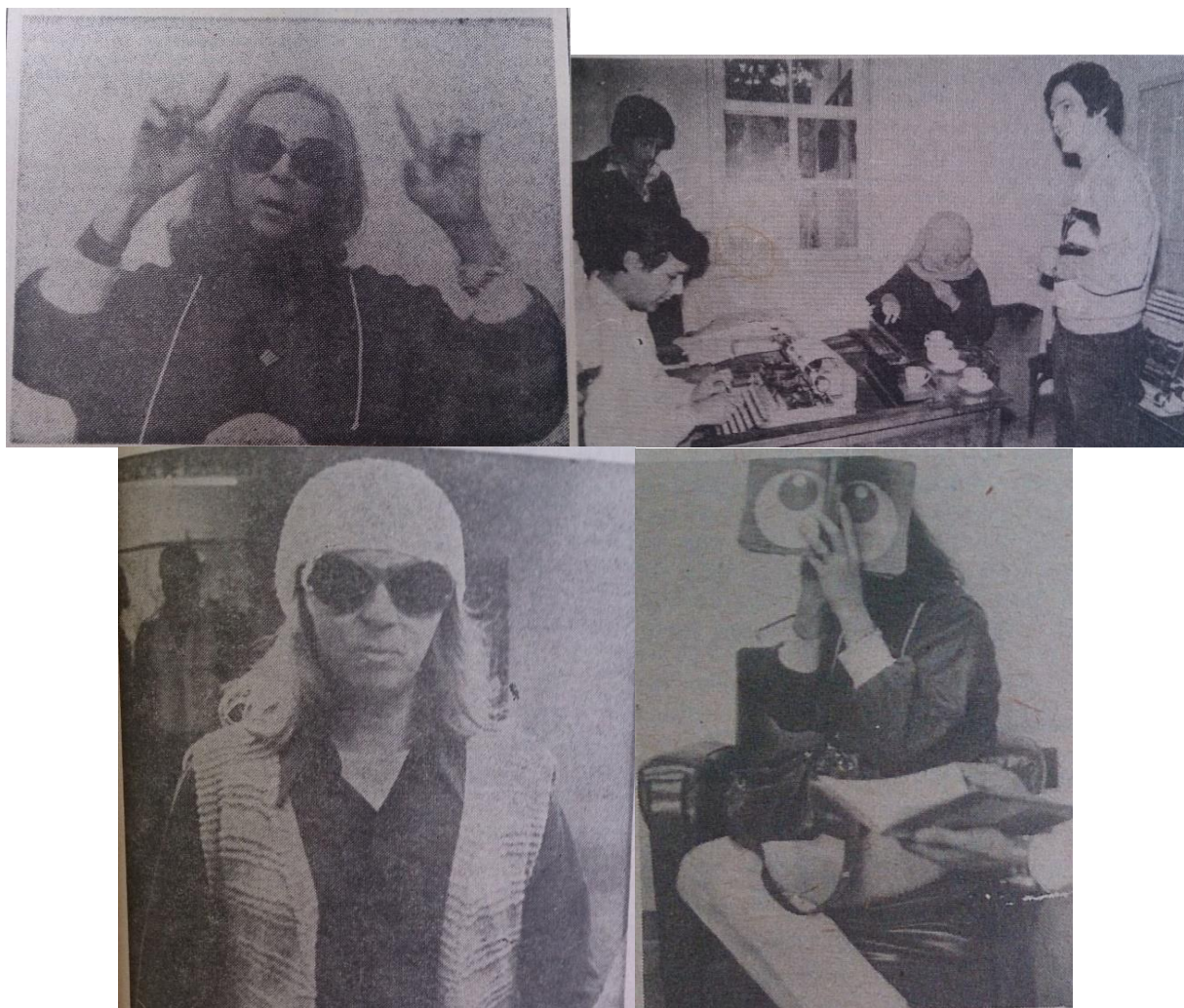
bons. Acho que com estas informações encerrei minha participação, se é que houve, no caso”¹³⁵.

A resistência que Joelma engendra aos discursos estigmatizantes da imprensa parece se expressar também nas fotografias tiradas da travesti nas vezes em que ela foi à delegacia depor ou ao ser entrevistada pelos veículos de comunicação. Muitas vezes a travesti se nega a ter sua foto tirada, o que é amplamente ignorado pelos fotógrafos, de modo que, em algumas imagens, ela aparece com um pano ou um livro cobrindo seu rosto. Em outras, usa sempre óculos de sol e touca, calças compridas e um casaco que lhe cobre praticamente o corpo inteiro, contrastando enormemente com sua primeira foto publicada em *Zero Hora*, na qual aparecia com os seios à mostra. As estratégias utilizadas por Joelma para se afastar e negar os discursos que a associam com a criminalidade e a prostituição parecem surtir efeito, pois lentamente percebemos uma mudança nas narrativas da imprensa para se referir a sua figura, expressa na legenda de uma de suas fotos publicadas em ZH: “Joelma, um travesti que auxilia a polícia”¹³⁶. A criminosa, suspeita principal, ou cúmplice, passa para uma outra posição, a de auxiliar da polícia, necessária aliada dessa instituição para a solução do crime.

¹³⁵ Mistérios que envolvem a morte de *Luiza Felpuda* e seu irmão. **Zero Hora**, Porto Alegre, 11 maio 1980, p. 46.

¹³⁶ Polícia não encontra herdeiros de *Luiza Felpuda* que deixou milhões. **Zero Hora**, Porto Alegre, 07 maio 1980, p. 39.

Figura 7 – Mosaico de fotos de Joelma publicadas em CP, FT e ZH.



Fonte: Museu da Comunicação Hipólito José da Costa

Ao longo do mês de maio de 1980, Joelma foi posicionada em distintos lugares de sujeito. Num primeiro momento, foi acusada de ter cometido o assassinato de Luísa e Luidoro, sendo imediatamente exposta, tendo seu nome e foto publicados pela imprensa, mesmo que, naquela ocasião, ainda existissem outros cinco suspeitos. Em seguida, foi apontada como sendo cúmplice do assassino confesso, não porque houvesse provas de sua participação no crime, mas porque seria supostamente impossível que ele tivesse cometido a violência sozinho. Estes dois primeiros momentos criam uma associação entre travestilidade e criminalidade, imputando às travestis mais um estigma

social, característico do período de emergência do “tempo dos hormônios”¹³⁷, do qual o discurso jornalístico sobre Joelma é efeito e indício. Porém, a travesti não aceita e nega as acusações que lhe fazem, usando sua voz para elaborar um contra-discurso. Denunciando o estigma e os lugares-comuns que a mídia lhe atribui, Joelma tenta se distanciar de sua associação com a prostituição e a criminalidade, além de passar a contribuir com o trabalho da polícia, indicando novos rumos de investigação. As diversas estratégias da travesti para resistir aos discursos estigmatizantes foram, assim, criando rupturas, fazendo-lhe deslocar para uma nova posição, ligeiramente distante das que lhe foram anteriormente atribuídas.

2.3 – Jairo e o sujeito michê

Em 3 de maio de 1980, entraria em cena o terceiro personagem tratado neste capítulo, ao ser publicado pelos jornais que um rapaz de nome Jairo havia confessado a autoria do crime na noite anterior. Ex-soldado do Exército, com apenas 19 anos, Jairo era apresentado ao leitor de *Zero Hora* naquele dia:

“Desempregado, sendo humilhado em casa e na rua, por não conseguir emprego, o ex-soldado Jairo terminou por contrair amizade com homossexuais. Luiza Felpuda era um dos seus amigos. Dava-lhe dinheiro e amizade. Na noite de terça-feira, ele, sem dinheiro, foi até a casa de Luiza Felpuda, que morava com seu irmão Luidoro Luzardo Correa. Acertou um encontro. Enquanto o homossexual ia ao banheiro, ele apossou-se de dinheiro e objetos do seu amigo. Tentou sair. Foi impedido por Luiza Felpuda que armado com uma enxada tentou agredi-lo. Jairo reagiu e apossando-se da enxada, usou-a contra seu companheiro. Vários golpes liquidaram com o homossexual. O irmão apareceu e também foi golpeado até a morte. Transtornado, ele ateou fogo num lençol e atirou na cama. Fugiu pulando muros de casas vizinhas”¹³⁸.

No mesmo dia, o *Correio do Povo* também informava a confissão de Jairo e publicava uma foto dele sentado em um sofá, cabisbaixo, com a legenda: “Jairo cansou

¹³⁷ VERAS, Elias. op. cit., 2015, p. 25.

¹³⁸ Ex-soldado é autor da chacina dos dois irmãos homossexuais. *Zero Hora*, Porto Alegre, 03 maio 1980, p. 30.

de ser homossexual e resolveu matá-lo”¹³⁹. As possíveis razões que o levaram a cometer o crime seriam amplamente exploradas pelas notícias nesse dia, as quais buscavam desvendar que relações ele mantinha com as vítimas, sua história de vida, como era o relacionamento com a família, etc. Diferentemente da abordagem dispensada à Joelma, o discurso sobre Jairo assume um outro tom, menos severo em apontar culpa, procurando entender em que momento sua trajetória se encontrava com a fatalidade da noite do dia 30 de abril. “Desempregado”, “humilhado”, “transtornado”, “desequilibrado” e “cansado” são termos que parecem ser utilizados para dar sentido e justificar a ação do ex-soldado.

Figura 8 – Foto de Jairo publicada pelo Correio do Povo em 3 de maio de 1980.



Fonte: Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.

A reportagem da *Folha da Tarde*, porém, descrevia de outra forma a relação do assassino com as vítimas. Segundo o periódico, Jairo conhecia e frequentava a casa de Luísa Felpuda há mais de um ano, trabalhando como garoto de programa. A matéria dava voz para que o próprio explicasse a natureza da relação:

“Jairo conta que há cerca de um ano ainda prestando o serviço militar, conheceu Luisa Felpuda na Praça da Alfândega. ‘Ele me convidou para ver um filme no Imperial, disse que pagava. Mas não chegou a me cantar, mesmo assim eu tinha percebido que era bicha’. Luisa

¹³⁹Assassino dos irmãos Corrêa é um jovem de apenas 19 anos. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 03 maio 1980, p. 5.

marcou um encontro para a casa da Rua Barros Cassal, onde morava, e Jairo foi. ‘A gente entrava, sentava em um banco e, logo, Luís avisava para ir em tal quarto. Sempre tinha um cara esperando’. O pagamento era de Cr\$ 200 a Cr\$ 500 e as despesas do quarto e comissões eram pagas também pelo cliente a Luisa. ‘Sempre tinha muita gente. Nós não conhecíamos as bichas pelo nome. Às vezes, tinha até estrangeiro. Uns vinham sempre, outros só vi uma vez’¹⁴⁰.

O rapaz, em seguida, elaborava uma explicação que buscava justificar sua presença e atuação na casa ao longo deste período, baseada em dois pontos principais: o desemprego e a pressão familiar. De acordo com sua narrativa:

“‘Eu me sentia mal, mas precisava de dinheiro’. Jairo culpa a família e repete: ‘Tinha complexo de inferioridade, me chamavam de covarde, já apanhei muito na rua. Dentro de casa meus irmãos me insultavam, me ridicularizavam. Diziam que eu arranjava pretexto para não pegar emprego. No colégio Pio XII, onde faço o primeiro ano de contabilidade também não prestava atenção na aula’. E Jairo continuou a ir na casa de Luisa Felpuda, onde encontrou alguns colegas do tempo de serviço militar. Na terça-feira à tarde, antes de ir à casa de Luisa e matar os dois irmãos, Jairo tentou emprego como office-boy na Monopol. ‘Fui barrado como sempre, não tinha experiência. Eu estava revoltado, nervoso e com raiva’. Voltou à casa de Luisa para conseguir dinheiro, mas não consegue explicar porque não tinha movimento naquela noite no bordel’¹⁴¹.

O motivo econômico de sua presença no bordel naquela noite estaria no cerne de sua discussão com Luísa que levaria ao assassinato, pois ela se recusara a pagar pelo programa não realizado, porém, a altercação foi catalisada quando os xingamentos disferidos pelo homossexual atingiram Jairo afetivamente, lembrando a situação vivenciada no seio familiar:

“Jairo diz que na noite do crime foi a primeira vez que manteve relações sexuais com Luisa Felpuda. ‘Ficamos sozinhos, ele me agarrou e eu senti nojo. Ofereceu um anel dizendo que era brilhante e que me daria muito dinheiro. Aceitei, ficamos sem roupa, mas eu estava nervoso e com muito nojo dele’. Neste ponto, Jairo aperta muito as mãos e escolhe as palavras, olhando para o chão. ‘Não consegui ter orgasmo, mas lembro que cheguei a fazer o troço. Ele

¹⁴⁰ “Eu matei Luísa Felpuda e o irmão...”. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 03-04 maio 1980, p. 66-67.

¹⁴¹ *Idem*.

percebeu e ficou brabo’. Agora conta a história sem interrupções, falando rápido. ‘Mandou me vestir, me chamou de impotente e foi ao banheiro. Disse que não pagaria. Acho que vestiu só a camisa. Aproveitei e peguei o dinheiro, anel e relógio, coloquei no bolso. Quando entrei no banheiro para me lavar, ele saiu e voltou com uma enxada, me acusando de roubo. Acho que a enxada estava no quarto, porque ele não saiu da casa’¹⁴².

“‘Não sei porque fiz isso... nem porque fiz o resto. Foi uma loucura. Fiquei cego quando ouvi ele me chamar de vagabundo, do jeito que me chamavam em casa. Quando me dei por conta do que havia feito, a primeira coisa em que pensei foi em me matar, terminar com tudo...’¹⁴³.

A tese das dificuldades enfrentadas no seio familiar seria mais explorada pela reportagem de *Zero Hora* que foi até a casa do assassino para entrevistar uma de suas irmãs, a qual afirmou: “Faltava carinho para Jairo”¹⁴⁴. O apartamento em que viviam foi descrito como pequeno demais para acomodar os nove irmãos que moravam juntos e a situação financeira da família caracterizaria a pobreza. A desestruturação familiar seria completada pelo recente falecimento do pai e da mãe no ano anterior, um golpe que teria atingido Jairo mais intensamente, pois, segundo a irmã Gleci, ele e a mãe “eram muito ligados um ao outro e ela sempre deu um carinho especial para ele”. Após a morte da mãe, Jairo se sentiria muito sozinho e começaria a ter problemas de relacionamento com os irmãos que “chamavam ele de vagabundo e acho que a gente não deu tempo suficiente para que ele conseguisse um trabalho. Todos diziam que ele era um homem feito e não podia pegar serviço de salário mínimo”¹⁴⁵. A família de Jairo, assim, semeava um ideal de masculinidade que relacionava o “ser homem” ao trabalho e à capacidade de prover o lar¹⁴⁶. Reconhecendo os erros cometidos por ela e pelos demais, a irmã evocava os traumas vividos, a pobreza e a desestruturação familiar para tentar dotar o assassino de maior humanidade.

Um outro ponto da relação de Jairo com Luísa e os demais frequentadores da casa que seria investigado pela imprensa seria a de sua posição durante o ato sexual.

¹⁴² Idem.

¹⁴³ Ex-soldado é autor da chacina dos dois irmãos homossexuais. **Zero Hora**, Porto Alegre, 03 maio 1980, p. 31.

¹⁴⁴ Idem.

¹⁴⁵ Idem.

¹⁴⁶ MATOS, Maria Izilda Santos de. Por uma história das sensibilidades: em foco – a masculinidade, **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 34, p. 45-63, 2001, p. 58.

Perguntado sobre o tema pela reportagem de *Folha da Tarde* do dia 3, Jairo negara que “alguma vez tivesse deixado Luísa ou outros trocarem de posição nas relações sexuais. ‘Eles às vezes queriam, mas nunca discutimos por isto, eles não insistiam’”¹⁴⁷. Porém, o fato de Jairo ocupar a posição “ativa” durante o coito seria, como vimos acima, bastante explorado pela retórica de seu advogado nos dias seguintes, tendo ele afirmado que a tentativa de Luísa trocar as posições estaria entre os principais motivos para que o rapaz a tivesse matado: “Luiza Felpuda teria prometido um pagamento e posteriormente negado por Jairo não ter consumado o ato sexual plenamente, quando inclusive fez a proposta a Jairo para inverter o ato, o que não foi aceito”¹⁴⁸.

É interessante notar como Jairo, mesmo tendo mantido relações sexuais com homens ao longo do ano em que frequentou a casa de Luísa, nunca é identificado como homossexual ou mesmo como “garoto de programa”. “Assassino”, “rapaz”, “ex-soldado” são os termos utilizados pelos periódicos para se referir a ele. Jairo seria aquilo que, na época, era popularmente conhecido no meio homossexual como “michê”, isto é, uma espécie de “prostituto viril” que se relacionaria sexualmente com homossexuais efeminados mediante alguma troca monetária. O antropólogo Néstor Perlongher foi precursor ao descrever e analisar, ainda nos anos 1980, o universo da prostituição viril na cidade de São Paulo¹⁴⁹. Este universo era formado a partir de um complexo sistema de fluxos identitários que instituía posições e valores aos indivíduos baseados em diferentes categorias etárias, raciais, de classe e de gênero.

Desde modo, as relações entre os michês e seus clientes eram configuradas num intrincado jogo de poder em que os indivíduos eram classificados hierarquicamente conforme sua posição (ativo ou passivo) na relação sexual. O michê, aquele que vende seu corpo, o “macho”, era geralmente mais jovem, mais pobre, e tendencialmente de pele mais escura, sendo valorizado por seus atributos tidos como masculinos, e recusando a classificação de homossexual, assim como Jairo. Por sua vez, o cliente, aquele que paga pelo sexo do michê, a “bicha”, era comumente mais velho, mais rico e mais branco, inferiorizado por ser afeminado, como Luísa Felpuda.

Neste sentido, o aspecto econômico tomava uma dimensão importante, pois transformava essa relação em uma espécie de acordo tácito e temporário entre michê e cliente, garantindo, assim, a virilidade dos rapazes. Perlongher relata que a justificativa

¹⁴⁷ “Eu matei Luísa Felpuda e o irmão...”. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 03-04 maio 1980, p. 67.

¹⁴⁸ Polícia localiza herdeiro de Luiza Felpuda e apura novas pistas. **Zero Hora**, Porto Alegre, 08 maio 1980, p. 49.

¹⁴⁹ PERLONGHER, Néstor. Op. Cit., 1987.

da “falta de pagamento” era uma das mais recorrentes entre aqueles michês que roubavam ou mesmo assassinavam seus clientes, revelando um temor muito grande de perder sua “macheza” ou de ser penetrado¹⁵⁰. Situação muito semelhante à relatada por Jairo e defendida por seu advogado, pois o primeiro tentou roubar Luísa quando essa se negou a pagar pelo serviço e ela, ao reagir, acabou sendo morta pelo rapaz. A referência a uma suposta tentativa de Luísa de inverter a posição no ato sexual também é narrada pelo defensor de Jairo como um dos motivos que resultariam no assassinato.

As diversas formas de violência a que os michês frequentemente expunham seus clientes – roubos, chantagens, agressões, mortes – eram legitimadas por eles através de discursos que buscavam construir uma “explicação social” de sua atividade, concebendo-a como única alternativa à miséria e ao desemprego. Jairo também lança mão deste discurso em inúmeras ocasiões para explicar porque frequentava a casa de Luísa, acrescentando ainda outra razão, de ordem afetiva, relacionada à pressão familiar. De fato, em 1980, a situação econômica no Brasil era alarmante, resultado da crise do fim do chamado “milagre econômico”, atingindo, sobretudo, as camadas sociais mais baixas com uma inflação que bateu os 110% no ano¹⁵¹ e a taxa de desemprego que ficou em 6,5%¹⁵². Perlongher aponta que a crise econômica foi uma das principais responsáveis pela grande ampliação que o mercado homossexual assistiu nos anos 1980, levando milhares de jovens de classe baixa às ruas que se encontravam com os homossexuais à deriva¹⁵³.

Assim, no discurso dos michês, a prostituição e a violência contra os homossexuais aparecem associadas a um tipo de compensação pelas diferenças sociais entre rapazes e clientes. A exploração dos homossexuais acaba, portanto, justificada pela demanda dos clientes em desejarem rapazes jovens, machos viris, os quais, por sua vez, tiram vantagem da suposta dificuldade experimentada pelos primeiros para encontrar esses atributos em parceiros não remunerados. Nessa lógica, acaba tornando-se comum que os michês se considerem “agentes de uma expiação”¹⁵⁴, fazendo os homossexuais pagarem seus pecados por serem ricos e por estarem subvertendo a ordem heteronormativa. Esse discurso seria também utilizado pelo advogado de Jairo para

¹⁵⁰ Idem, p. 220.

¹⁵¹ NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do regime militar brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2017, p. 172.

¹⁵² AMORIM, Dinaldo de. **O desemprego no Brasil a partir da década de 1970: uma análise perspectiva do sistema-mundo**. Florianópolis: UFSC, 2005, p. 50. (Monografia).

¹⁵³ PERLONGHER, Néstor. Op. Cit., 1987, p. 107.

¹⁵⁴ Idem, p. 205.

explicar que sua ação acabava por promover a “purificação da sociedade” ao livrá-la de Luísa Felpuda, dona de um bordel de “vícios e corrupção”¹⁵⁵.

Evocados constantemente pelos defensores dos assassinos de homossexuais, os julgamentos morais que faziam sobre o comportamento sexual das vítimas, buscando associá-las às ideias de anormalidade e perversão, embora pudessem ser compartilhados pelos operadores da justiça - entre os quais podemos situar polícias e delegados - não significavam necessariamente sua inocência ou absolvição¹⁵⁶. Deste modo, no decorrer das investigações, a polícia passou a suspeitar cada vez mais da versão de Jairo que afirmava ser o único assassino. Sobretudo após o dia 7 de maio, quando Joelma fez novas revelações à polícia, o ex-soldado passou a ser referido pela imprensa como mentiroso: “Jairo, um assassino que está mentindo”¹⁵⁷, afirmava a legenda de uma foto sua em *Zero Hora*. Mas seria em 15 de maio que as suspeitas acabariam intensificadas, com a conclusão de um laudo pericial do IML que colocava em cheque o depoimento do assassino no qual afirmava ter sido agredido por Luísa e Luidoro e que, por isso, os teria matado: “Assassino de Felpuda ainda não contou a verdade”¹⁵⁸, estampava a capa de ZH do dia seguinte.

As diversas desconfianças sobre a versão de Jairo para o crime, desencadeadas, principalmente, a partir das indicações de Joelma, resultariam numa possível internação do assassino no Manicômio Judiciário do Estado, por solicitação do delegado Valnei, conforme noticiado em 23 de maio:

“O homicida Jairo, autor dos assassinatos dos irmãos Luís Luzardo Correa, a Luiza Felpuda, e Luidoro Luzardo Correa, poderá nos próximos dias ser recolhido ao Manicômio Judiciário, se a Justiça atender à solicitação do delegado Valnei Teixeira Duarte pedindo Medida de Segurança Provisória (...). O titular da DH deverá embasar o pedido do recolhimento de Jairo ao Manicômio Judiciário, ou em outra clínica para tratamento de pacientes com distúrbios mentais,

¹⁵⁵ Polícia localiza herdeiro de Luiza Felpuda e apura novas pistas. **Zero Hora**, Porto Alegre, 08 maio 1980, p. 49.

¹⁵⁶ CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana. Op. Cit., 2004, p. 376.

¹⁵⁷ Polícia não encontra herdeiros de *Luiza Felpuda* que deixou milhões. **Zero Hora**, Porto Alegre, 07 maio 1980, p. 39.

¹⁵⁸ Assassino de *Luiza Felpuda* ainda não contou a verdade. **Zero Hora**, Porto Alegre, 16 maio 1980, p. 1.

apoiado no Artigo 80 do Código Penal, que trata da Presunção da Periculosidade”¹⁵⁹.

Jairo, que havia permanecido quase todo o processo de investigação em liberdade, agora enfrentava a possibilidade de ser capturado pelo discurso médico. O Manicômio Judiciário do Rio Grande do Sul era a instituição responsável por elaborar laudos psiquiátricos penais no Estado e, em sua prática, articulava o discurso jurídico ao discurso psiquiátrico forense na caracterização de indivíduos considerados perigosos¹⁶⁰. A noção de periculosidade, por sua vez, era utilizada pela instituição desde 1925, ano de sua fundação, para descrever tais indivíduos, partindo da concepção de que esses teriam uma “natureza criminosa”. Em 1940, tal prática institucional recebeu o reforço do Código Penal, que incluiu a “periculosidade” em seu texto no artigo número 80, mencionado pela notícia. A partir de meados dos anos 1970, porém, como aponta Francis Moraes de Almeida, houve um deslocamento no discurso da instituição, que passou a perceber os internos desde a concepção de um “comportamento criminoso”. Jairo, assassino confesso, lentamente passou a ser enlaçado pela tese do comportamento criminoso a partir do desvelar de suas supostas mentiras. O michê tornava-se, pois, patologizável, doente, louco.

No entanto, não chegamos a descobrir, pelas páginas dos jornais, se o Judiciário aceitou o pedido da Medida de Segurança para Jairo. As últimas notícias sobre o crime foram publicadas em 24 de maio por *Correio do Povo*, *Folha da Tarde* e *Zero Hora*, informando que o assassino fora novamente interrogado, desta vez junto a um professor, de nome Júlio, que teria estado na casa com as vítimas na noite do crime quando Jairo chegou¹⁶¹. Somente na acareação conjunta, com o esclarecimento de pontos que consideravam ainda em aberto, é que a polícia passou a crer que Jairo, de fato, era o único assassino. A partir do dia 25 de maio, as notícias sobre o assassinato somem dos jornais, indicando uma nova fase do processo criminal com o término do inquérito policial e a acusação formal de Jairo¹⁶².

¹⁵⁹ Medida de segurança provisória para assassino de Luiza Felpuda. **Zero Hora**, Porto Alegre, 23 maio 1980, p. 39.

¹⁶⁰ ALMEIDA, Francis Moraes de. **Fronteiras da sanidade**: da “Periculosidade” ao “Risco” na articulação dos discursos psiquiátrico forense e jurídico no Instituto Psiquiátrico Forense Maurício Cardoso de 1925 a 2003. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Tese (Doutorado em Sociologia), p. 15.

¹⁶¹ Na acareação, o professor afirma: “Jairo é o matador”. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 24 maio 1980, p. 5; Novidades na acareação. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, 24-25 maio 1980, p. 67; Matador dos dois irmãos muda depoimento durante acareação. **Zero Hora**, Porto Alegre, 24 maio 1980, p. 30.

¹⁶² Busquei o inquérito policial e o processo-crime do caso tanto no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS) quanto no Arquivo Central do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul em mais de uma situação, mas, infelizmente, ainda não foi possível localizá-lo.

Desde 3 de maio, quando confessou ter assassinado Luísa Felpuda, Jairo ganhou grande atenção da mídia porto-alegrense, tendo sua voz e a de seu advogado predominância nas páginas policiais. O michê, inicialmente, fora descrito como desempregado, humilhado e transtornado, numa possível apropriação feita pela imprensa do próprio discurso do assassino. As justificativas de Jairo para ter cometido os assassinatos se aproximavam daquelas narradas pelos michês pesquisados por Néstor Perlongher, fazendo ecoar a tese do desemprego, da pressão familiar e do medo da perda da virilidade. Seu defensor articulava, ainda, um discurso que tentava culpabilizar a vítima e Joelma, valendo-se de lugares comuns presentes nos enunciados sobre homossexualidades e travestilidades à época. Suas estratégias, entretanto, foram lentamente sendo postas em cheque pela polícia, como nos informam os jornais. Neste momento, quando não restava mais dúvidas de sua culpa, Jairo, então, passou a ocupar a posição de doente mental, de louco, possível assujeitado pelo discurso médico-legal.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho, busquei mostrar como o caso Luísa Felpuda, entendido como um acontecimento midiático, fez emergir histórias de sujeitos sexualmente desviantes, reconhecidos a partir de diferentes categoriais identitárias – homossexual, travesti e michê – no mês de maio de 1980, na cidade de Porto Alegre. A partir do diálogo com a bibliografia sobre o tema, quis demonstrar como, ao visibilizar e nomear esses sujeitos, o discurso de *Correio do Povo*, *Folha da Tarde* e *Zero Hora* inscreveu Luísa Felpuda, Joelma e Jairo num contexto mais amplo da produção discursiva sobre as sexualidades desviantes no Brasil do qual são efeito e indício. Meu intento foi, então, descrever estes enunciados, bem como as relações de poder-saber que os sustentam, fazendo emergir histórias ainda pouco conhecidas, no âmbito acadêmico, no tangente à Porto Alegre e, de modo geral, no Rio Grande do Sul.

Para realizar este empreendimento foi necessário percorrer a história dos periódicos tomados como fontes, procurando reconhecer seus aspectos editoriais e gráficos, principalmente, nas suas abordagens de eventos criminosos. Assim, identifiquei que *Folha da Tarde* e *Zero Hora*, sobretudo, na sua cobertura do caso Felpuda, faziam ecoar a ideia de crime maravilhoso, isto é, aquele que reúne uma série de elementos discursivos que compõem uma dupla transgressão social, sendo, assim, passível de exploração sensacionalista. Além disso, ao explorar os detalhes do crime diariamente, percebi que os periódicos descreviam uma série de espaços de sociabilidade de sujeitos travestis e homossexuais da cidade, fazendo emergir de suas narrativas uma territorialidade própria a esses sujeitos, que se inscrevia na cidade. Porto Alegre era, naquele momento, conforme os discursos, redesenhada e apropriada taticamente pelos desviantes sexuais.

Da identificação destes espaços parti, então, para falar dos personagens que neles circulavam, especificamente em um deles, a Casa de Luísa Felpuda. Começando pela própria Luísa, a quem a maioria dos discursos analisados se dirigiam, identificando-a como homossexual, pude perceber que ela desviava de um posicionamento mais tradicional, no qual tais sujeitos eram geralmente destinados à invisibilidade e ao silêncio. Luísa emergiu das narrativas como uma exceção, uma pessoa famosa e amada

em sua época por aqueles que conviveram com ela, tanto no “meio homossexual” da cidade, quanto entre seus colegas de trabalho no DEPRC. Porém, no momento de sua morte, Luísa seria enredada também em discursos estigmatizantes enunciados pela imprensa porto-alegrense que reatualizavam associações entre homossexualidade, depravação e doença.

Joelma, por sua vez, a travesti, ocuparia diferentes posições de sujeito no decorrer do mês de maio. Já nas primeiras notícias publicadas, ela seria acusada de ter assassinado os irmãos Luísa e Luidoro, tendo seu nome e foto prontamente divulgados pelos jornais; ainda que houvesse mais suspeitos, ela seria a única exposta. Num segundo momento, a travesti, mesmo com a confissão de Jairo e a exposição dos detalhes de sua relação com as vítimas, é apontada como sua cúmplice. Podemos, assim, acompanhar a associação da travestilidade com a criminalidade, que lhe atribuía um estigma, um enunciado comum à época para as travestis, numa invenção na qual a imprensa foi protagonista, como nos mostrou também a bibliografia sobre o tema. Mas Joelma não se acossou, negou todas as acusações e elaborou um contra-discurso usando sua voz e seu corpo, denunciando o estigma e as injustiças perpetradas pelo discurso jornalístico.

Por sua vez, o michê Jairo ganhou, já desde o primeiro momento em que surgiu nas notícias, grande atenção da mídia, sendo ele mesmo ouvido em diversas vezes, e também seu advogado de defesa. Possivelmente se apropriando do discurso do assassino confesso, a imprensa, num primeiro momento, o descreveu com um jovem rapaz desempregado e transtornado. Suas justificativas para ter matado Luísa faziam ecoar as narrativas dos michês paulistanos pesquisados por Néstor Perlongher, no qual o desemprego, a família e o pânico da perda da macheza predominavam fortemente. Nei Oliveira, seu defensor, por outro lado, nas vezes em que foi ouvido pela imprensa, buscou evocar a homossexualidade de Luísa como uma justificativa para sua morte, o que seria lentamente desconsiderado pela polícia que, cada dia mais, desconfiava de Jairo. Nas últimas notícias que pudemos ler sobre o caso, Jairo já não ocupa mais a mesma posição das primeiras, passando a ser visto como culpado, mentiroso e, logo, louco e doente, capturado por instituições médico-legais.

Enfim, este trabalho buscou lançar luz sobre estes discursos potencialmente injuriosos e estigmatizantes que foram investidos, principalmente, sobre estes três indivíduos. Discursos estes que entre 1980 e 2017 deslocaram-se muito, efeito de relações de poderes e saberes distintas que investem de outra forma a vida de lésbicas,

gays, bissexuais, travestis e transgêneros, hoje muito mais visíveis do que há 37 anos. A visibilidade, no entanto, coexiste com um momento no qual a violência homolestransfóbica cresce, atingindo níveis alarmantes no Brasil, como pudemos ler em maio deste ano, também na imprensa, que alcançávamos a liderança mundial no assassinato de pessoas LGBTs¹⁶³. Não creio, no entanto, que estes crimes de ódio sejam frutos de uma violência naturalizada, inerente à sociedade brasileira, mas, sim, que a violência homolestransfóbica foi produzida historicamente por práticas discursivas e não discursivas. Busquei, então, descrever estas formações discursivas que circunscreveram o caso Luísa Felpuda, na tentativa também de produzir um deslocamento pessoal e político, visibilizando não só a violência, mas também a história destes sujeitos historicamente excluídos e silenciados que não são passivos, mas que reagem e lutam. Minha esperança é que esta reflexão ajude a construir um presente e um futuro mais justos e que possamos criar outros finais para as histórias que virão.

¹⁶³ DINIZ, Pedro. Brasil patina no combate à homofobia e vira líder em assassinatos de LGBTs, Folha de São Paulo, 17 maio 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/05/1884666-brasil-patina-no-combate-a-homofobia-e-vira-lider-em-assassinatos-de-lgbts.shtml> . Acesso em: 20/12/2017.

Referências

Fontes

CORREIO DO POVO. Porto Alegre, **Correio do Povo**. Maio 1980. Disponível no Setor de Imprensa do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

FOLHA DA TARDE. Porto Alegre, **Folha da Tarde**. Maio 1980. Disponível no Setor de Imprensa do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

ZERO HORA. Porto Alegre, **Zero Hora**. Maio 1980. Disponível no Setor de Imprensa do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Bibliografia

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História: a arte de inventar o passado: Ensaios de teoria da História**. Bauru: Edusc, 2007.

_____.; CEBALLOS, Rodrigo. Trilhas urbanas, armadilhas humanas: a construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no Nordeste brasileiro dos anos 1970 e 1980. In: SCHPUN, Mônica (org.). **Masculinidades**. SP/Santa Cruz: Boitempo/Edunisc, 2004.

ALMEIDA, Francis Moraes de. **Fronteiras da sanidade: da “Periculosidade” ao “Risco” na articulação dos discursos psiquiátrico forense e jurídico no Instituto Psiquiátrico Forense Maurício Cardoso de 1925 a 2003**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Tese (Doutorado em Sociologia).

AMORIM, Dinaldo de. **O desemprego no Brasil a partir da década de 1970: uma análise perspectiva do sistema-mundo**. Florianópolis: UFSC, 2005, p. 50. (Monografia).

BÖER, Alexandre (org.). **Construindo a Igualdade: A história da prostituição de travestis em Porto Alegre**. Porto Alegre, 2003.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"**. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana. “As vítimas do desejo”: os tribunais cariocas e a homossexualidade nos anos 1980. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998, vol. 1.

DEPAULE, Jean-Charles; TOPALOV, Christian. A cidade através de suas palavras. In: BRESCIANI, Stella (org.). **Palavras da cidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

DIENSTMANN, Gabriel. **A luta pela democracia em foco**: fotojornalismo e movimentos sociais no Rio Grande do Sul (1977-1979). Porto Alegre: UFRGS, 2017, Dissertação (Mestrado em História).

ELMIR, Cláudio Pereira. A ficção e o maravilhoso no discurso jornalístico, **Estudos Ibero-Americanos** (PUCRS. Impresso), v. 35, p. 127-147, 2009.

ELMIR, Cláudio Pereira. Uma aventura com o *Última Hora*: o jornal e a pesquisa histórica. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 19, n. 36, p. 67-90, dez. 2012.

FERRARI, Anderson; SEFFNER, Fernando. “A morte e a morte”... dos homossexuais. **Gênero**, Niterói, v. 10, n. 1, p. 189-217, 2. sem. 2009.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

_____. A vida dos homens infames. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992.

_____. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.

_____. **História da sexualidade 2**: O uso dos prazeres. São Paulo: Paz e Terra, 2014b.

_____. **História da sexualidade 3**: o cuidado de si. São Paulo: Paz e Terra, 2014c.

_____. **História da sexualidade 1**: A vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____.; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

GALVANI, Walter. **Olha a Folha**: amor, tradição e morte de um jornal. Porto Alegre: Editora Sulina, 1996.

GERMANO, Iris Graciela. A Cabana do Turquinho. **Jornal do Nuances**, Porto Alegre, ano 5, n. 31, dez. 2004.

GREEN, James. **Além do carnaval**: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GREGORI, Maria Filomena. Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, V. 51 nº 2, 2008, p. 591.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T.; HALL, S.; WOODWARD, K. (org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

HOLANDA, Janete; PANIAGO, Maria de Lourdes. O discurso jornalístico como espaço de constituição da verdade. In: II CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA UFG, **Anais...** - Jataí: História e Mídia, 2001. Disponível em: <<http://www.congressohistoriajatai.org/anais2011/link%2022.pdf>>. Acesso em 19/11/2017.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Por uma história das sensibilidades: em foco – a masculinidade, **História**: Questões & Debates, Curitiba, n. 34, p. 45-63, 2001.

MEDEIROS, Tiago Vidal. “Muito travesti, pouca mulher”: espaços de sociabilidade homossexual e travesti nos carnavais de Porto Alegre (1960-1970). Apresentação oral no XXVIII Salão de Iniciação Científica da UFRGS, 2016.

NAPOLITANO, Marcos. **1964**: História do regime militar brasileiro. São Paulo: Contexto, 2017.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê**: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

QUEIROZ, Igor Henrique Lopes de. **As sexualidades desviantes nas páginas do jornal Diário Catarinense (1986-2006)**. Florianópolis: UFSC, 2014. Dissertação (Mestrado em História).

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1993.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul.-dez. 1995.

STRELOW, Aline. *Breno* Caldas: poder e declínio de um dos mais influentes jornalistas gaúchos. Artigo publicado na Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-imprensa-strelow.pdf. Acesso em: 19/11/2017.

_____.; GRUSZYNSKI, Ana. Comício pelas Diretas Já em Porto Alegre: a cobertura do jornal *Zero Hora*. In: **Comunicação e redemocratização no Rio Grande do Sul**: uma abordagem histórica. Florianópolis: Editora Insular, 2014.

VERAS, Elias Ferreira. **Carne, tinta e papel**: A emergência do sujeito travesti público-mediado em Fortaleza (CE) no tempo dos hormônios. Florianópolis: UFSC, 2015. Tese (Doutorado em História).

_____.; GUASCH, Oscar. A invenção do estigma travesti no Brasil (1970-1980). **história, histórias**. Brasília, vol. 1, n. 5, 2015.